



Olga da Mãe de Deus

E.F.

SERVA DE DEUS

OLGA DA MÃE DE DEUS
FILHA DA IGREJA

"O que mais se admira nesta leitura é o
constante predomínio do divino".
(Civiltá Cattólica, abril 1949)

Tradução da 9ª edição Italiana
175º milheiro
D. Candido M. Bampi

Título original:

OLGA DELLA MADRE DI DIO

Editora COR UNUM

Figlie della Chiesa, Viale Vaticano, 62

ROMA - Itália

NIHIL OBSTAT

Pia Sociedade de São Paulo

Pe. Tlago M. Alves

Festa do Sag. Coração de Jesus
Caxias do Sul, 21 de junho de 1963

IMPRIMATUR

Caxias, festa de Pentecostes 1963

Cândido Maria Bampi

Bispo Auxiliar
e Vigário Geral

NIHIL OBSTAT

Frei Evaristo ofmcap.

Caxias, 2 de junho de 1963

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

A IRMÃ OLGA DA MÃE DE DEUS, *religiosa da Congregação das FILHAS DA IGREJA, é, creio, completamente desconhecida em todo o nosso imenso Brasil. Mais conhecida é na França e na Espanha, onde já foi traduzida e divulgada a vida da jovem religiosa. A vida da mesma está sendo traduzida também para o Inglês. Na Itália, como nos escrevem as co-Irmãs da Casa Generalícia de Roma, a vida de Irmã Olga é muito difundida; foram distribuídos já uns 200.000 exemplares. Leitura aliás muito edificante, quer no sentido de vida religiosa espiritual, como de vida tôda inflamada de zêlo apóstólico.*

Irmã Olga da Mãe de Deus não é de séculos atrás; é do nosso tempo, dos nossos dias. Faleceu em abril de 1943, com apenas 33 anos de idade. Alma de fogo, verdadeira filha amantíssima da santa Igreja, deu com brio e santo destemor tudo o que tinha e tudo o que era à santa Igreja. Morreu em conceito de santidade.

Em abril 1956, o então Patriarca de Veneza, Cardeal Ângelo José Roncalli, em seguida Papa João XXIII, que a Igreja acaba de perder, abriu o processo informativo para a Beatificação. Em 20 de maio de 1960 a S. Congregação dos Ritos, publicou

o Decreto para a abertura do mesmo processo em Roma; e as Religiosas Filhas da Igreja, da Casa Generalícia de Roma informam-nos como a S. Congregação dos Ritos em abril do corrente ano pronunciou o juízo favorável sôbre os escritos de Irmã Olga da M. de Deus.

Uma tradução portuguesa da piedosa, virtuosa e sempre alegre Irmã Filha da Igreja produzirá certamente preciosos frutos de vida cristã de amor à santa Igreja e conseqüentemente de zêlo e iniciativas apóstólicas também em nossas regiões.

Irmã Olga será para muitas almas boas um poderoso estímulo a cerrar fileiras nos exércitos da Igreja, em proclamação, defesa e propagação da verdade e da virtude, dos direitos divinos da Santa Igreja e de noosos sagrados deveres para com ela.

Caxias, Festa de Pentecostes 1963
D. Cândido Maria Bampi
Bispo Auxiliar e Vigário Geral

AS TRÊS MÃES

Achava-me doente de tuberculose, com uma ansia, que, havia vinte anos, atormentava-me.

A existência de Deus, a essência de Deus, a infelicidade dos *sem Deus*, verdades que a filosofia, a teologia e a mesma convivência social nos demonstram com clareza, para mim não eram apenas verdades, eram a vida de minha vida, e a terceira me oprimia mortalmente. O resto tudo, a mesma doença, parecia-me nada.

Naqueles vinte anos surgiram e se propagaram as sociologias que foram arrastando as massas populares para a atual apóstasia, quase universal.

Sistemas sociológicos que o Evangelho tão vivamente condena: *Larga é a porta que leva à perdição e muitos entram por ela.*

Em Fátima, aparecera a Mãe de Deus para nos ensinar a salvar as almas pela oração: *O' meu Jesus, perdoai-nos, preservai-nos do fogo do inferno, levai tôdas as almas para o céu, e socorrei principalmente as que mais precisarem.*

Teria eu rachado as paredes do meu quarto para gritar: "Alto lá!... o vosso progresso, pobres iludidos, leva-vos aos abismos!" E eu ficava tão oprimida pelo cansaço, como se eu mesma, com o próprio torax doente os tivesse repellido.

Ah! se fôssemos muitas!... para impedir tantas ruínas extremas!.. para comunicar a outras almas as ânsias que me atormentam!

Mas como e onde achá-las?

Então eu as pedia Jesus Crucificado, pendente da parede oposta ao meu leito, com a súplica de Raquel: *Dai-me filhas, ó Senhor, senão eu morro!*

* * *

Enquanto assim me preparava para tornar-me mãe de almas, a Ssma. Virgem preparava-me as filhas.

A primeira foi Maria Z., uma operária fiandeira do canhamifício ROI de Vicença, que, havia anos, conhecia-me, sem nunca me ter visto.

Nos apontamentos que ela, por obediência escreveu com a simplicidade dos "Fioretti" de S. Francisco, narra-nos o seguinte: "Desde menina eu queria ser Irmã; mas as doenças e as dificuldades de família mo impediram. Esperava todavia contra tôda esperança, e supplicava à Ssma. Virgem se dignasse abrir-me alguma porta.

Um dia, enquanto estava sofrendo curatìvos

médicos dolorosíssimos, vejo diante de mim Jesus Crucificado; o Sangue gotejava-lhe de todo o Corpo: e a seus pés uma *jovem*, vestida de branco em atitude de oração. O Sangue escorria-lhe da cabeça aos pés, e, num instante, o vestido dela estava todo vermelho. Jesus então me disse:

"Maria, fixa-a bem! Um dia, de novo encontra-la-ás e junto tomara parte numa obra que me é imensamente cara... Mas no momento em que tu vieres a conhecê-la, tomar-te-ei a mãe.

Num outro dia, enquanto estava meditando, apareceu-me novamente Jesus Crucificado, a cujos pés estava a mesma jovem em oração. Ouço um barulho, e vejo entrar uma religiosa com um livro na mão. A Irmã aproxima-se do Crucifixo em ato de suplica. Jesus lhe indica a jovem, dizendo: Não temas, esta é a alma que te ajudará e a ti encaminhará muitas outras".

A jovem era *Olga*.

Conheci Olga, por informações em 1934, após o desenrolar-se de certas vicissitudes, por admirável disposição de Nossa Senhora.

Os Superiores, a quem sempre havia confiado meus ardentes desejos, concordaram em me impôr ordem de escrever o que guardava no coração, num mês que passei na Casa *Charitas* de Squio. Era uma verdadeira graça, pedida à Virgem Ssma., com intermináveis repetições de têrços. Terminado o mês, tive o

desejo secreto de apresentar o escrito à Nossa Senhora de Monte Bérico, na festa de sua Natividade, a 8 de setembro, e pedir-lhe uma alma capaz de viver perfeitamente. Precisava-se de outra graça, porque minha Superiora me esperava em Treviso, na tarde do dia sete.

Oh! alegria! Um desarranjo tornou impossível a viagem de volta. Na tarde do dia sete, tive de permanecer em Vicenza, na Casa da Santa Cruz. Na manhã seguinte, fui prostrar-me aos pés da Mãe de Deus no Santuário de Monte Bérico.

Não, a grande Mãe de Deus, não me recusaria a alma que desde tantos anos continuava a pedir a seu Jesus. Só ela me podia alcançar. A obediência impedia qualquer outra busca particular. Só ela, portanto, me podia enviar.

"Fazei-me este milagre, Virgem Santíssima! Peço-vos em benefício da Santa Igreja. Vêde como eu estou sempre doente e não posso agir. Vós sabeis, se eu pudesse, seria a desonra da Obra... Espalham-se falsas e deletérias idéias sociais; comunismo, nazismo, e inúmeras outras contrafacções da União querida por Jesus, pervertem as almas em massa; muitas se perdem.

Multiplicai vossos Santos, a fim de que se oponham a essa apóstasia coletiva. Fazei compreender a uma alma de fogo, porque a

minha está se consumindo diante de tanta perversão social; dai-lhe uma família capaz da mesma paixão, que foi também a Vossa e a de Jesus. Fôstes e sois vós que me comunicais essas insias ardentes, Virgem Bendita: Vós que descansais Bem-aventurada no seio da Ssma. Trindade e agis incessantemente em beneficio da Igreja!

Rezei assim detidamente, como raras vêzes se reza na vida. E lá, aos pés de Nossa Senhora de Monte Bérico, apresenta-se-me uma jovem mestra. Seria ela? Não; era a senhorita Missaglia, da qual a Virgem Ss.ma se serviu logo depois para me fazer conhecer Olga, que seria a sua filha predestinada.

* * *

A senhora Gugelmo pressentia também os desígnios da Mãe de Deus sôbre a sua Olga.

"Há seis anos, escrevia ela, ficou orfã de pai, e, desde então, antes que filha, foi minha companheira. Fazia-me eu mesma pequena e passava o tempo mais belo conversando com ela. Estvamos sempre unidas, de dia e de noite, sem nos cansar, sem nenhum desejo de outra companhia.

"Quando nasceu a sua vocação? Não sei: esse era o seu segrêdo! Ela compreendia quanto eu era ciumenta dela, e como ela era a minha

aspiração e como a recompensa de minha vida. Para não me perturbar, não se atrevia a manifestar-me o seu segrêdo: guardava-o para si. Por minha parte também não queria indagar por diversos motivos: estava eu certa que trilhava o bom caminho; sentia-me orgulhosa em vê-la tão diferente das outras e não queria desfazer os meus alegres encantos com a previsão de uma resolução definitiva.

Com coração materno, orgulhoso e trepidante, a seguia em seu apóstolado, desde 1934, sempre mais intenso e extenso.

Foi mestra em varias localidades e logo quis bicicleta para levar uma vida mais conforme a seus gostos. Visitava as famílias, aproximava-se dos que sofriam, seguia de perto os meninos inclinados ao sacerdócio, acudia os doentes, mesmo de noite, e não desdenhava cuidar da limpeza. Um vigário teve que recomendar-lhe moderação, para que, em suas visitas aos tuberculosos, usasse de prudência e tomasse os cuidados necessários.

Olga tinha para todos uma palavra amorosa. Numa região abandonada, organizou sòzinha o ensino do Catecismo. Na vila de Jesolo, na Colonia "Carmem Frova", reuniu as senhoritas veranistas de tôda a praia para três dias de oração: escrevia os avisos na areia molhada.

Aconteceu-lhe de fazer mais de quarenta

quilômetros a pé, para incentivar a devoção a Eucaristia, a Nossa Senhora e aos Santos. Tudo fazia alegremente e com naturalidade.

Aproveitava os passeios, as viagens, o esporte: em Cortina de Ampezzo, Tonezza, Roma, Lourdes... E não perdia tempo; tudo fazia com pressa, sem interrupções, sem intermitências, sem descanso".

Olga possuía a têmpera de heroína. Um dia poderia renunciar por amor de Deus a própria progenitora.

Esse dia pareceu aproximar-se no verão de 1935, quando Olga em Tonezza, encontrou pela primeira vez Maria Z.

Deixemos falar Maria Z., a operária fiandeira, que assim se manifesta:

"Declarada inábil ao trabalho, foi enviada pelo Inst. de Ap sentadoria a Tonezza, na Casa da A o Católica. Minha mãe naquele tempo estava boa. Ainda na primeira tarde encontrei-me com um rosto que me chamou muito aten o. Fixei-o demoradamente; reconheci a jovem que desde tanto tempo esperava encontrar. Imensamente reconhecida, fui   capela para agradecer Nosso Senhor; e eis que vejo perto de mim a Ssma. Virgem que assim me fala: Eis, esta   verdadeiramente a filha que viste tempos atrás: leva-a a teu confessor, e agora prepara-te para sofrer.

Poucos dias depois recebo um telegrama,

anunciando-me a morte imprevista de minha mãe".

A órfã, sòzinha e doente, retirou-se para sua casinha de Monticelo, que se tornou o centro de tôdas as atividades de Olga. Das visitas freqüentes e demoradas àquela cara doente, que tanto le parecia com Jesus Crucificado, voltava em família com os olhos iluminados a refletir o paraíso, e sempre mais ávida de sacrificios.

A senhora Gugelmo, mãe de Olga, acrescenta: "Fazia a hora noturna de adoração, meditava longamente, deitava-se sempre muito tarde, mesmo que sofresse fortes dôres de cabeça".

Só por um fiozinho estava ainda amarrada a este mundo: a vontade de seu diretor, o Padre Luís Moresco, confessor de Maria Z.

A FILHA

Padre Luís Moresco, o apóstolo de Nossa Senhora e dos Pobres, com a pobrezinha de Maria Z., a fiandeira, doente, era uma continua repreensão.

Inteligente e hipercrítico, exigia a evidência dos fatos para acreditar em suas visões e previsões; e aos ardores de Olga opôs, de 1935 a 1938, uma fria reserva.

O encontro de Olga com Maria Z. era um fato evidente. Outro fato tornou-se igualmente evidente no mesmo ano: o encontro de Olga comigo.

A senhora Missaglia foi o instrumento. Dizia-me ela: "Far-lhe-ei conhecer uma colega minha, que quer tanto bem a Nossa Senhora. Eu lhe dizia: deves conhecer uma Irmã que sempre fala de Nossa Senhora. Quando em 1937, após dois anos de oposições, nós nos encontramos finalmente pela primeira vez, na Casa *Charitas* de Squio, pareceu-nos que éramos antigas conhecidas.

Aos nossos olhos, estendia-se a vasta planície vicentina, e o Santuário de Monte Bérico

delineava-se no céu, como uma visão celestial. Junto gozamos daquela paz que, no silêncio e no recolhimento, eleva para as regiões celestes.

Narramo-nos as peripécias daqueles anos de provações e nos comunicamos o nosso entusiasmo para com a grande Mãe de Deus e nossa, a qual tudo havia disposto, tudo combinado, transformado o coração dos homens e também curado meus pulmões.

Os olhos elevavam-se ao Céu, cheios de alegria.

Os caminhos de Nossa Senhora não eram os nossos caminhos; seus pensamentos não eram os nossos pensamentos; e no dia, lugar e modo por Ela determinado, teríamos certamente iniciado a nossa pequena obra de redenção social.

Nada nos restava a fazer senão nos abandonarmos em seus braços, como crianças nos braços da Mãe: lançar nela tôdas as nossas preocupações e pensar nela: pois ela havia de pensar em nos.

Contemplei-a com ternura. Èsse sentimento de que pertencemos à Mãe de Deus e dela dependemos era a nota mais viva de sua alma, diria quase, da sua pessoa.

Uma graça de encontro ou chegada e não de partida: a efusão suave do dom de piedade, que, na

grande Mãe de Deus, revelava-a e fazia amá-lo verdadeiramente como a Mãe.

- Sabe, Madre, que me chamo Maria?

- E' mesmo?

- Sim, Madre, em russo.

- Pois bem (prometi-lhe antes de nos separar) chamar-te-ás Olga da Mãe de Deus.

- Sorriu alegremente como num batismo de alegria e desceu a colina para chegar em tempo à estação ferroviaria, onde devia tomar o trem.

* * *

Eu também sentia-me feliz. A pequena obra que devia surgir, ja se agitava ao redor dela. Já havia falado com duas companheiras e estava em relação com um grupinho de jovens que dois zelosos sacerdotes, Pe. Pedro Bergamo e Padre Joaquim Scattolon, estavam preparando em Treviso e Croceta de Montelo. Tôdas eram fervorosas. A intervenção providencial de Eminentissimo Cardeal Piazza, Patriarca de Veneza, havia tranqüilizado todos: podia-se esperar iminente o início.

Esperava-nos a ultima provação: breve, sim, mas humanamente invencível. Os superiores reclamaram a minha presença, para lecionar no Instituto de S. Trovaso em Veneza, e Olga, por obediência teve que voltar à Escola de Poiana Maior.

Era o bloqueio dos anos anteriores. Para destruí-lo era necessário mais um milagre. Quando tudo

parecia já perdido, Nossa Senhora interveio e fêz o milagre. Sua Eminência o Cardeal Patriarca e a minha venerada Madre Geral Antonieta Monzoni entraram num acôrdo para uma nova experiência no fim do ano escolástico. Meu Instituto ceder-me-ia por mais um ano; em seguida, a nova obra, dados os primeiros passos, guiar-se-ia de per si mesma.

A alegre notícia trouxe ao meu lado, timidamente, ora uma, ora duas das primeiras filhas.

Tôdas tinham passado pela dolorosa provação, e não cessavam de me contar as suas aventuras.

Na Semana Santa veio também Olga, para três dias de retiro. Tôdas nos reuníamos no quarto da Bem-aventurada Madre Madalena de Canossa, transformado em pequeno Calvario, com a alma repleta do mistério que tínhamos na frente.

Aquêlê Coração, aquêlê Sangue, salvou-nos, minha filha. Nós também do mesmo modo, devemos salvar as almas. Para criar as almas basta o amor, mas para salvá-las é necessário também a dor. Pelas almas "nós cumprimos em nossa carne o que ainda falta à Paixão de Cristo". Por amor prolongaremos em nós a sua dor. Essa é a essência da nossa obra. O resto é apenas accidental ou ilusório.

A ardorosa filha escutava-me com o rosto inflamado; eu lhe falava com aquela ânsia

incontida que veio-se cumulando durante 20 anos.

Tínhamos freqüentado a mesma Escola de Jesus Crucificado: eu do meu Jesus, pendente das paredes da enfermaria; ela, de Jesus, que sofria na fiandeira doente, que de Jesus era a viva imagem. Naquele momento, nos entendíamos em tudo e em tudo íamos perfeitamente de acôrdo: duas almas, mas uma vida só: mãe e filha.

* * *

Olga apresentou-se radiante ao seu Diretor, que também esta vez se manteve na mesma indiferença e lhe impôs de esperar em silêncio.

Em fins de maio, um acontecimento, aparentemente insignificante, veio mudar de improviso a situação.

Minha boa Madre Provincial, Valburga Ricchieri sugeriu fôsse feito a experiência em Roma, na casa generalícia de Nossa Senhora. O Conselho do Instituto aceitou e eu anunciei o fato às filhas como um Aleluia.

- Roma!... Roma!... Nunca tinha dirigido tão longe e tão alto minhas esperanças.

Três dias depois, me achei na presença do Padre Moresco. Sorridente, reservado, conciso, vinha oferecer-me Olga com duas companheiras: uma Maria tão boa, e a outra, Maria também, doente do coração, se quisesse aceitá-la.

- Sim, enviai-a; é bom começar com uma vítima. Chamá-la-emos Maria de Jesus Crucificado.

Cedera eli à evidência : a filha havia-lhe alguns anos antes predito que "a obra surgiria em Roma, na terra dos mártires".

No dia de Pentecostês, 5 de junho, Olga, Odila e Maria vieram a Veneza no intuito de nos entendermos.

Estávamos às vésperas de começar a nossa obra. Os nossos corações dilataram-se de tal maneira, que ninguém pode imaginar, e como so é possível entre os filhos de Deus. Em seguida, entretive-me com Olga, a quem devia confiar o "pequeno rebanho", depois do início do ano, e enviei as outras a São Marcos.

Observei-a atentamente; estava trepidante. Era só expressão e vida: expansão e reserva; ágil em seus movimentos, e espontânea em se recolher; pronta a sobrenaturalizar os mínimos atos e atenta a não transcurar nenhum; idealista ao sumo e prática em tudo: negócios, cozinha, lavanderia, etc. Parecia feita mesmo para governar e dirigir. Tinha ela coração de mãe?

- *Veni, Creator Spiritus ... Fons vivus, Ignis, Charitas...* Vinde, Espírito Criador da vida... Fonte da vida... Calor e Amor!...

Rezamos juntas, como no Cenáculo, com Nossa Senhora Mãe de Jesus e Mãezinha Nossa

de Amor Eterno; com os Apóstolos, feitos mães espirituais da Graça Sacramental; pelos sacerdotes, obrigados a terem igualmente coração de mãe: por nos chamadas também para sermos mãezinhas das almas.

Meditamos juntas a Epístola de S. Paulo:

"As maiores serão servas das outras, amando a tôdas com ternura maternal, até que vejam Cristo formado nelas; dilatarão o proprio coração, para que não se sintam apertadas em suas entranhas; far-se-ão pequenas no meio delas, como nutriz que acaricia seus filhinhos; e em seu terno amor maternal estarão dispostas a dar a própria vida, no meio de cansaços e angústias, dia e noite trabalhando, exortando, confortando e também suplicando a tôdas para que vivam de modo digno de Deus que nos chamou ao seu reino e à sua Glória.

Mas primeiro era preciso abandonar a Mãe, por que não nos tornamos mães das almas, e pescadoras de almas sem primeiro deixar pai e mãe, irmãos e irmãs, casa, haveres e patria, tudo...

A mãe! E' necessario um milagre para que não morra! concluiu Olga empalidecendo. Mas partiu resolvida a fazer sofrer a própria mãe, como Jesus fêz sofrer a Sua, para cumprir o beneplácito do Pai.

- Mãe, sabes que o farmacêutico interessou-se por mim? exclamou exuberante de vivacidade, após um dos seus habituais passeios de bicicleta.

Devia ser uma pessoa digna aquêlê farmacêutico, porque os olhos da senhora Gugelmo traíram uma secreta e, quem sabe, talvez desde muito tempo acariciada esperança.

- Oh! Mãe! Ao farmacêutico, sim, tu me entregarias e ao Senhor... não!?

A palavra enérgica do Menino Jesus estava dita!... A pobre senhora, mulher de fé, opôs à filha a única resistência da sua muda dor, que a fazia quase desmaiar a qualquer alusão à separação.

O pequeno drama familiar durou perto de dois meses. No fim do ano escolástico Olga arrancou-se ao amor materno, subindo às pressas e direto para Roma, onde a obra já nascida na festa do Sagrado Coração de Jesus, a esperava.

Só Deus pode pedir semelhantes dilacerações do pobre coração humano, e dar bastante fôrça para suportar.

A generosa e intrépida filha acalmou a sua sensibilidade, desafogando-se com abundante chôro debaixo das galerias dos Apeninos. Chegando em Roma, atirou-se em meus braços, contente e feliz de ser a Olga da Mãe de Deus.

A FILHA DA IGREJA

Olga começou a nova vida com os olhos voltados para o Céu. Ainda que tivesse lido muitos romances, como cândidamente me confessou e atravessado alguma crise, o seu coração era todo de Jesus e a Mãe de Jesus era a sua Mãe.

No pequeno bairro de Via Ápia Nova, onde nos reuníamos para a leitura espiritual, ela me escutava atentíssima.

-Filhas, como crianças, nos braços de nossa mãe terrena, tôdas beijamos a *Mãe Formosa*. No Catecismo, na escola, nas igrejas, tôdas aprendemos a conhecê-la e a amá-la. Mas só o Espírito Santo nos ensinará a conhecê-la e a amá-la como Mãe: Vida, Doçura e nossa Esperança.

Minhas Filhas, assim é também da outra Mãe: *a santa Igreja*.

Pelo Batismo, tôdas nascemos dela e nela.

Pela doutrina cristã tôdas aprendemos que é nossa Mãe.

Mas só o Espírito Santo nos faz exclamar com os acentos de fogo de Santa Teresa: "Eu sou uma filha da Igreja"; ou com a ternura de Santa Teresinha: "Eu sou uma pequena Filha da Igreja... Amo a Igreja, minha Mãe!"

Espírito dulcíssimo, revela-nos por meio do teu *dom* de piedade esta terna Mãe, na qual Jesus nos ama e quer ser ternamente amado. Comunica-nos um amor apaixonado pelas pobres almas enfermas ou mortas; pelas que são apenas uma ânsia viva da sua Alma. Faze que fiquem sãs, vivificadas e membros vivos do seu Corpo, a fim de que quanto antes não haja senão um só Corpo Místico com um só Coração, no qual nos, como a pequena Teresa, queremos ser o amor.

Em 15 de agosto, festa da assunção, no locutorio de Santa Teresa, Olga vestiu o avental branco das postulantes, disposta a esperar na humildade e na paciência o seu Pentecostes.

Queria ser uma Filha da Igreja, devedora de amor e de auxílio a todos, porque todos são ou podem ser "Igreja", conforme os empenhos assumidos no Batismo e reassumidos novamente com a entrada em nossa pequena Instituição. Para ajudar o Papa, os Bispos, os Sacerdotes e Missionários, as obras santas de sua Mãe Apóstolica, havia principalmente de amar, como a Pequena Teresa, mas ao amor queria acrescentar também a colaboração, que a Igreja mesma lhe pedia.

Assim, além da função do coração que é o amor, no Corpo Místico de sua Mãe, exerceria

também a função do Sangue que recebe do coração a sua atividade, mas chega até as ultimas fibras do corpo, distribuindo calor e energias e identificando-se com o mesmo Corpo.

* * *

No entanto, Roma alargava sempre mais os pensamentos e os corações. As freqüentes audiências Pontifícias davam asas a nossos pés para correr a ver o Papa, ouvir o Papa, dizer ao Papa mesmo só isso:

"Santo Padre, nós Vos queremos bem; vivemos por Vós, sofremos por Vós: quereríamos levar todo o mundo a Vós!"

Chegavam sem respiração, resolutas naquela concorrência de amor filial a não ceder a ninguém o primeiro lugar. Os guardas Suiços nem se atreviam a nos cortar o caminho e o Mestre de Cerimônias sorria.

Em São Pedro, nos sentíamos Católicas; em São Paulo, Apóstólicas: no Coliseu, Mártires e nas Catacumbas, uma só com Jesus. As lembranças da família e do Veneto dissipavam-se; as pequenas preocupações de nossa vida tornavam-se mais leves.

A grande Vida da Igreja, tão viva, tão palpitante em Roma, comunicava-se aos nossos corações entusiastas, e, como peixinhos

chegados de humildes regatos, movimentávamo-nos felizes nesse grande oceano.

Um curso de liturgia nos ocupou também no estudo. Mas como era fria a teoria em Roma!

Oh! o canto das Vésperas no Aventino; os ritos orientais em Santo André della Valle; a Missa nas Catacumbas como em plena perseguição; a meditação sóbre o Batismo ne Cárcere Mamertino; as Estações Quaresmais; as Beatificações e Canonizações dos Santos; o espetáculo de São Pedro em ocasião da morte de Pio XI e a elevação de Pio XII; a visão do doce Cristo na terra, quando benzia a Cidade e o mundo lá do terraço do Vaticano.

Nestas ocasiões Olga voava, precedia a tôdas, excedia-se. Chegava a ultima só quando Maria de Jesus Crucificado passava as crises de asma. Então deixava as outras correrem e ela sustentava a Irmã, medindo o seu passo com o dela; e a nenhuma cedia neste officio de caridade.

* * *

Em casa, como por um instinto sobrenatural, tôdas faziam-se concorrência, quando se tratava de empunhar a vassoura, o balde da água, o ferro de passar, a bôlsa para as

compras. Assunta escondia para si o despertador da manhã e Olga era sempre a última a entrar no quarto de dormir.

Com seu modo de agir humilde e delicado, extorquia-me a licença para pôr em ordem o estudo, escrever cartas para as co-irmãs, compor representações sacras ou inventar cenas para tornar mais alegre os recreios e as festas da pequena família.

- Como se querem bem!

- Parecem da mesma família!

- E' porque são tôdas jovens, observavam as Madres.

- As senhoras estão sempre em festas; - diziam os estranhos.

Uma extraordinária alegria, contida e cumulada pelos pequenos constantes sacrifícios mútuos da vida de Comunidade, irrompia clamorosa nos recreios e gravava nos rostos durante o dia uma expressão de contentamento e de gôzo sobrenatural que fazia bem a tôdas.

As singularidades não eram permitidas... Gina de Santa Teresa do Menino Jesus que tinha tomado a resolução de ficar sempre bem recolhida em comunidade, pelo *excesso de recolhimento*, teve que tomar o seu café fora da porta.

Olga brilhava sempre, como também Assunta dos Anjos.

Naquele ano de 1938, em que tudo era fermento e grito de guerra, as primeiras Filhas da Igreja, que provinham três da burguesia e cinco do povo, reviviam, sem perceber, os primeiros dias do Cristianismo, quando por meio da fôrça unificadora da caridade, patrícios e plebeus naquela mesma Roma eram "um só coração e uma só alma".

"Onde há caridade e união de corações, há Deus", repetiam-se mùtuamente de manhã, com as cantilenas dos antigos ágapes, para dar o tom da caridade ao dia inteiro.

Recolheu-nos e nos uniu o amor de Cristo. Exultemos jubilosamente nêle.

Amemos na humildade o Deus vivo.

E amemo-nos também de coração sincero. Onde há amor e união, aí há Deus!

O «PURO AMOR»

Passavam os meses. Restrito era o tempo para a formação das Filhas; e a tempestade que ameaçava, obrigava-me a acelerá-la.

Da nossa vida maravilhosa ao exterior só aparecia a alegria; nenhum principio ainda de apóstolado definitivo; nenhuma iniciativa prática; nenhuma solidez nos ensaios feitos.

A pensão estava para tragar as ultimas economias; tudo parecia justificar o temor de um fracasso. Lia-se tanta incerteza no rosto das Madres.

Em novembro fui enviada a Milão para uma missão escolar e a veneranda Madre Geral aproximou-se do grupinho de modo mais maternal que de costume:

- Vossa obra não progride, filhinhas! E' um ponto interrogativo. Se quiserdes ser Canosianas, aceito-vos tôdas.

- E' mesmo agora que progride, Madre, respondeu com altivez Olga. As provações são o sigilo de Nossa Senhora. E recusou-se em nome de tôdas.

O sofrimento avançava. Na volta nos mergulhamos ainda mais em nosso pequeno bairro para nos preparar a tudo suportar com a

esperança em Deus e a tudo superar com o seu divino amor.

- Em breve terei que vos deixar, minhas Filhas : sem recursos, sem apóio, na inação, sem apóstolado. Mas "não temais, pequeno rebanho"! O Senhor é meu Pastor; Êle nos governa e nada nos faltará. Em verdes prados Êle nos colocou. Conduz-nos junto às águas refrescantes. Refaz as nossas almas. Pelos caminhos retos Êle nos leva, pela gloria do seu nome. Tivéssemos que atravessar o vale escuro, nada temeríamos, pois estás conosco. Vosso bordão e vosso báculo são o meu mparo. Preparais para nós a mesa à vista de nossos inimigos. Ungis de óleo a nossa cabeça, transborda a nossa taça. Graça e misericórdia nos seguirão por todos os dias de nossa vida. E habitaremos na casa do Senhor na amplidão dos tempos" (Sal. 22).

- "Não temais, pequeno rebanho"!

Um pouco de puro amor é mais precioso aos olhos do Senhor, e para a mesma alma, e traz maiores vantagens à Igreja, do que tôdas as outras obras reunidas, ainda que pareça que nada fazemos. Aqui estamos, minhas Filhas, principalmente, para sermos esta chamazinha de Pentecostes. E' o fogo que Jesus trouxe à terra; mas misturado com a terra, não queima; separá-lo, purifica-lo, libertá-lo de todo amor-

próprio: eis o nosso trabalho, a nossa obra. Como Jesus, que desejamos mais nós, senão que se acenda e queime? E' um impulso do Espírito Santo que renovará a face da terra. Ardendo no coração da pequena Teresa, aqueceu tôda a Igreja; pois quando é "amor puro" é sempre operante, ainda mesmo que falte a possibilidade das obras.

Padre Luis Moresco, chamado providencialmente em Roma, na Redação do *Osservatore Romano*, fêz-nos conhecer Jorge La Pira, cujas cartas nos chegavam como preciosas confirmações.

- O apóstolado maior, escrevia êle, está nessa *pureza de amor...* Essa é a obra máxima e essencial renovação do Cristianismo. Os trabalhos ulteriores irão se difinindo; o que devemos rigorosamente manter é o trabalho de *pureza celeste...* Nestes tempos tão tristes, nada há de mais eficaz do que a alma capaz de amar apaixonadamente a Deus. O primado é do amor! Vossé, Madre, envereda por caminhos seguros as almas que Deus lhe confiou, porque a experiênciã da vida, também religiosa, demonstra que, quando tudo desmorona, uma coisa só ha que não cai: o altar interior no qual arde a chama de um amor inestinguível".

* * *

Nos encontros eucarísticos e nas horas de meditação o Espírito da pequena obra compenetrava-as lentamente; o tempo da oração parecia sempre para tôdas breve demais. Olga deixava-se absorver. Coração a coração com Jesus, coração a coração com Maria, sempre de joelhos, aparentemente sem esforço, com o rosto freqüentes vêzes molhado de lágrimas e transfigurado, perseverava em atitude de vôo que fazia pensar nos arroubos dos Salmos: "Deus, meu Deus, desde a aurora Te procuro com ardor; minha alma está sedenta de Ti, minha carne por Ti anela (Sal. 62).

- O amor não se acende, escrevia La Pira, e aceso não se inflama, sem uma vida íntima de recolhimento e de meditação. E' preciso termos coragem e ardor para pararmos, sem incertezas, sem pressa, sem urgência aos Pés adoráveis do Salvador. A alma precisa de abundante alimento; bastante tempo deve-se dedicar a êsse descanso bendito, em que a alma se ilumina, o coração se inflama. A ação de Deus nas almas exige largas pausas e amplos períodos de meditação e contemplação. Felizes as almas que têm uma clara intuição dêsses delicados mistérios da caridade. Que vale tudo o resto? Nada. Nossa Senhora conceda a nós todos esta santa disposição à contemplação suave, que conhece os silêncios virginais do coração, as luzes puríssimas da inteligência e as santas

intuições da Beleza Eterna".

Só isto eu pedia a Nossa Senhora; e insistentemente recomendava o silêncio que é o clima natural da contemplação.

Olga, desde o principio, compreendeu a importância dessas disposições, não apenas como mortificação, moderação e aperfeiçoamento do instinto social, mas como resposta às exigências do Amor, que para inflamar o coração da sua criatura quer achá-lo vazio e ocupado somente de Deus.

Nesse ponto a virtuosa filha era rígida consigo mesma, com suas co-irmãs e com todos.

No tempo do silêncio, uma pequena cruz com o polegar nos lábios e o faiscar de um sorriso, era a única resposta a quem, por inadvertência, lhe tivesse dirigido a palavra; e se alguma palavra lhe tivesse escapado, pela atitude mesmo exterior, logo chamava a si mesma e as outras ao cumprimento do dever da observância e fazia pensar no Céu.

Numa tarde, a surpreendi de joelhos, num profluvio de lágrimas, perto da cama. Maria da Imaculada, que acabava de chegar para engrossar as fileiras da pequena família, tinha-lhe trazido o perfume singular da terra natal e o eco suavíssimo da voz materna. Quando me viu, sorriu de acanhamento e me mostrou a coroa do

Rosario, para assegurar-me que havia de vencer.
Haviam já dado o sinal do "grande silêncio".

Jorge La Pira concluía: "O primado é do interior... de uma vida interior abundante, construtiva, fecunda, destinada a se derramar nas almas dos irmãos... e disposta de tal maneira à contemplação que sabe adaptar-se ao tumulto da ação, sem perder, um só momento, a frescura da água viva, que jorra no interior, com claridade maravilhosa".

Precisava-se de idéias claras sôbre êste assunto da contemplação e da ação, por que a nossa pequena obra oferecia possibilidade para uma como para outra, como na vida de Jesus, de Maria e dos Apóstolos.

O desejo da contemplação podia ser uma busca de calma e de descanso egoístico; o ardor da ação uma necessidade natural de movimento; a passagem de uma para outra um capricho.

Santo Agostinho veio em nosso auxilio para nos iluminar com um texto preciso e precioso:

"O amor da verdade busca um sossêgo santo; a necessidade da Caridade um trabalho adequado. Se ninguém impõe esse pêso, deve-se

atender à busca e à aquisição da Verdade; se vier imposto, deve-se aceitar por necessidade da Caridade".

Sòmente a alma ja tôda perdida em Deus, *semper quietus semper agens*, poderá determinar-se de per si à ação, por que movida diretamente pelo Espírito Santo. Assim também pensava outro doutor da Igreja, São João da Cruz. As Filhas da Igreja, pequenas e imaturas se deixariam mover pela obediência, que é a infalibilidade de quem começa e a segurança dos perfeitos.

E a obediência as fêz sair tôdas, mesmo as diplomadas, Olga e Irma, do seu tranqüilo bairro, quando o último recurso, recebido do Vêneto, nos avisou que dentro de poucos dias nos acharíamos evangêlicamente pobres e deveríamos ganhar-nos o necessário à vida.

A heróica perspectiva as entusiasmou.

São Pedro e São Paulo chegavam em Roma com apenas alguns recursos das Igrejas do Oriente. São Francisco na escadaria da Basílica Vaticana, trocara os seus vestidos burgueses com os trapós de um pobrezinho. Santo Inácio, de Roma enviara os primeiros Jesuitas, dois a dois, para a missão Itálica, apenas com uns livros.

- Mande-nos trabalhar, Madre!
- Mande-nos esmolar!
- Deixe-nos sofrer de fome!

Daquele intimo pequeno bairro de Via Apia, Olga contemplou extática o conjunto dos telhados romanos, que se estendia do lado de São Pedro, de São João de Latrão e do Coliseu; veio em seguida com tôdas as outras, ávidas de sacrificio, e ajoelhadas circundaram-me.

- Nada de grandioso, minhas Filhas, nada de heróico! Espalhareis apenas papel para cartas com a imagem de Nossa Senhora, e Nossa Senhora vos dará almas e pão.

Tôdas unánimemente aceitaram; e era para começar quanto antes. Olga, pelo telefone, dirige-se imediatamente a tôdas as tipografias; oferece dez mil liras hipotéticas para a impressão. Finalmente um tipografo sem serviço aceitou, e as Filhas, duas a duas, como os Filhos de Santo Inácio, partindo de Monte Mário, iniciaram o seu apóstolado romano.

Saiam de manhã, após duas horas de oração, e voltavam a meio-dia, após meia hora de adoração numa das Basilicas de Roma. Em caminho, silêncio e oração. Às portas das casas, das repartições, dos negócios, discreta exibição dos blocos de papel de cartas e uma palavra ardente sôbre Nossa Senhora, a Mãe de Jesus e de todos nós, bons e maus.

Sem nenhuma autorização do Vicariato e nem da Polícia, sòmente com a licença dos Superiores imediatos, entravam tranqülas nos

palácios dos Ministérios, como nos casebres do Transtibre protegidas pelos Anjos e sob o olhar de Maria: Nenhum encontro ambíguo, nunca. O resultado foi suficiente para as necessidades e o conforto prodigalizado pela Mãe de Deus penetrou em muitos corações, em corações mesmo afastados de Deus.

Depois, na volta, tinham muito que contar... No Palácio da Justiça um funcionário levou-as fraternalmente a visitar tôdas as dependências. Num quartel, os Oficiais reuniram e dispuseram em fileira todos os soldados e todos compraram o papel de cartas de Nossa Senhora para escrever à Mãe distante... Na Polícia e no Vicariato os agentes e Monsenhores pediram até reserva daquele papel...

- Uma senhora protestante ficou admirada da alegria das Irmãs. O filho de um incrédulo obstinara-se em querer seguir as Irmãzinhas (le suorette). - Um velho porteiro voltou a receber os Sacramentos. - Um tuberculoso, após a visita das Irmãs, recebeu também o sacerdote.

Não faltaram todavia as humilhações.

- Um vendedor de cartões apóstrofou-as por causa da concorrência e as repeliu com impérios.

- Um guarda, à paisana, conduziu-as com duras ameaças até o ônibus.

Olga não conseguiu ganhar nem sequer a passagem de volta...

Mas depois do sacrifício, da fadiga, do cansaço e das humilhações, como era doce achar-se novamente em família, aos pés do tabernáculo!

“O' Senhor Deus dos exércitos, como são amáveis teus tabernáculos!”. "Verdadeiramente um dia em vossos átrios vale mais que milhares fora dêles. Prefiro deter-me no limiar da casa do meu Deus, a morar nas tendas dos pecadores. Até o pássaro encontra um abrigo e a andorinha faz um ninho para pôr seus filhotes. Ah! teus altares, Senhor dos exércitos, meu Rei e meu Deus, são meu descanso!"

PRIMEIRAS LIBERTAÇÕES

O Santo Padre recebia-nos sempre com imensa bondade; mas o Cardeal Vigário não era favorável a obras novas. Por isso o Visitador Apóstólico aconselhou-nos a recomeçar a experiência mais uma vez no Vêneto.

O meu encargo de superiora foi prolongado, com grande alegria de tôdas minhas Filhas, e mais pobres do que quando viéramos, isto é, com oito mil liras de dívidas, deixamos Roma; lá ficaram Olga e Maria para conservar à pequena família os direitos de cidadania romana.

Olga havia sentir-se arrancar o coração, quando nos viu partir. Seguiu-nos com os olhos cheios de lágrimas e de sorrisos, até perdermos de vista a estação Termini; e nos nos recolhemos em oração.

No Vêneto acolheu-nos uma tormenta de neve e de oposições. O Bispo de Treviso não quis ouvir falar de fundações, e eu doente tive que entrar no meu Instituto.

Na Semana da Paixão, das minhas oito Filhas dispersas, três estavam sem família, sem emprêgo, sem um centavo, hóspedes das outras.

Assunta prestava serviço em diversas casas para achar um leito onde descansar e correr a meu lado ao primeiro raio de esperança.

- Ainda um sábado doloroso, Madre! Mas há de ver que Sábado Santo!...

A fé da pequena Assunta era aquela fé que transportava montanhas, porque no Domingo de Ramos o bondoso Bispo me entregou as chaves de uma humilde casinha, contigua à Igreja de Santo Estêvão, e Sábado Santo abraçamo-nos felizes.

As dificuldades aplanaram-se como por encanto; o céu resplandecia maravilhosamente alegre. Eu tinha conjurado a ameaça de uma recaída: as Filhas acorreram jubilosas, após o breve período da Paixão; e a Virgem Nossa Senhora nos preparara uma casinha do nosso gosto: no exterior o estilo nazareno e no interior a pobreza da gruta de Belém.

Após o primeiro desfôgo de alegria, olhanos para o resto extaticamente.

O pequeno ninho devia hospedar nove pessoas: havia só três camas. Na cozinha havia lenha, mas faltava o fogão: havia o contador, mas faltava o bico do gaz; havia forninho elétrico, mas faltava a tomada.

Todavia no tabernáculo havia Jesus. E pela tarde vimos, na praça de Santo Estêvão, os

caminhões da Agência de Transportes, com todos os utensílios e móveis para uma casa.

Por alguns dias o povo ria e comentava; em seguida observava:

- Quem são?
- As Irmãs que rezam.
- As Irmãs que riem.
- As Irmãs pobres.
- Como vivem?

Estávamos com oito liras em caixa e a despensa vazia; abro um envelope anônimo e acho um valioso cheque.

Não havia manteiga para o almôço dominical, que devia ser menos sóbrio do que os feriais; e aparece enviada da estação ferroviária uma caixinha com fresquíssima manteiga.

O vaso do azeite não dava mais.

- Minha filha, vire-o de cabeça para baixo! Não tenho dinheiro. O vaso continuou a gotejar por três meses, até que fosse possível comprar mais.

Após uma nevada intempestiva, apreciávamos. um econômico assado de passarinhos; mas mata-los por traição, isto não.

No dia seguinte, quando já ninguém pensava no assunto, distraída, abro um pacote vindo de Montelo.

- Filhas, minhas Filhas!... Eram trinta e três passarinhos (três tordos e trinta pardais), depenados, translicidos e prontos para o espeto.

Alguns agricultores haviam solicitado nossas orações para o bom funcionamento de uma máquina agrícola, que resistia às capacidades dos mecânicos. Ninguém mais pensava no caso diante do Amor Eucarístico! Mas Êle havia pensado; e a máquina funcionou com grande vantagem para nós, porque a mesa da cozinha, encheu-se duas vezes por semana naquele ano e nos anos sucessivos, de viçosa e agradável verdura.

Olga, posta a par daquelas notícias, tripudiava na melodia dos mistérios gloriosos e fazia delas o argumento de suas apologias de um entusiasmo exuberante. As suas ouvintes eram jovens enfermas do Hospital de São João de Latrão, no qual, na primavera de 1939, teve que permanecer por perto de um mês, por causa de abcesso.

Todos os olhos fixavam-se naquela Irmãzinha (suoretta) sempre contente e tão boa... e também tão bonita quando recebia a Jesus. *Pendiam de seus lábios; absorviam a sua alegria.*

Ninguém a podia conter quando exaltava a sua Madre, suas co-Irmãs distantes, o pequeno

Paraíso de Santo Estêvão, as delicadezas de Nossa Senhora que nunca deixava faltar coisa alguma às suas filhinhas.

Nem sequer a operação sem anestesia, as raspagens e curativos diminuíam os seus brios; pelo contrário, deixavam-na ainda mais entusiasta. Aquelas pobres jovens sofriam menos em sua companhia e desejavam tê-la sempre consigo. O capelão, edificado, sorria.

* * *

Quando Olga, deixando Roma, reuniu-se às co-Imãs, extasiou-se em nosso eremitério, do qual havíamos em breve de sair, visto como a pequena família ia crescendo.

Os dias corriam felizes entre a capelinha freqüentada pelo povinho, e a pequena sala que servia para as refeições, para o trabalho e para o estudo, contíguo à cozinha, onde também recolhia as Filhas para as Instruções. Umas, limpavam e descascavam verduras, outras remendavam sapatos, outras trabalhavam para satisfazer às necessidades da casa, outras enfim, faziam trabalhos encomendados. Mas eram sempre os pobres do meio-dia que nos faziam viver a realidade.

- Quantos "Jesus" hoje?
- Três, nove, dezesseis!...

Olga descia voando com as tigelas cheias e fumegando; rezava o *Angelus* diante da imagem em baixo-relêvo da entrada, e distribuía sopa e sorrisos. Em seguida explicava um pouco de Catecismo aos pequenos; falava do paraíso aos velhos, exortava todos a confiar em Nossa Senhora e despedia um a um com um gracioso “Adeus, meus caros; a *Madonna* vos abençõe”; cena que a todos dava a impressão de uma verdadeira família. Como voltava feliz, se para satisfazer algum retardatário tivesse também esvaiado a sua própria tigela ou se visse obrigada a enchê-la de água na torneira.

- Estais dispostas a passar fome e partir para a Oceânia? perguntava-se às aspirantes antes de recebê-las. Olga achava natural esta condição, que corresponde perfeitamente ao espírito evangélico, quando Jesus mandava aos Apóstolos vender tudo, dá-lo aos pobres, e renunciar mesmo ao essencial, se fôsse necessário a êles.

As co-Irmãs eram muitas vêzes mais pobres que os pobres. Se podia encher o prato dêles e guardar para si alguma sobra da tarde, era uma festa para o seu coração. Ao *Tu autem, Domine*, que a metade do almoço dispensava o silêncio, a primeira a explodir de alegria, sobrenaturalmente irrefletida, era Olga, que o Pai Celeste alimentava como os pássaros do céu e vestia como os lírios do campo.

Em seu vestido branco, preparado pela mãe, que se lhe adaptava perfeitamente, sob o véu agitado constantemente pelo vento, do qual se evadiam os cabelos crespos, parecia mesmo um lírio dos campos e ela gostava disso.

Era um restinho de vaidade, mascarada pelo decoro religioso; aparecia um pouquinho ainda em tôdas! e eu queria vê-las livres dêsses resquícios do mundo; pois um fiozinho de sêda só basta para amarrar à terra a cotovia, criada para os céus.

Providencialmente, em outubro de 1939, entrou Maria do D. A. que fôra professora na cidade e até à véspera ostentava sua elegância.

Amigas, colegas, alunas não podiam convencer-se em vê-la agora naquele casebre de operários no meio de Irmãzinhas humildes, com aquêlê hábito simples, sem forma, que iam saracoteando em todo sentido. Havia quem encontrando-se com ela, fingia não vê-la ou dela se desviava.

Mas ela achava prazer.

Que alegria após a humilhação! Que independência! Por êsse caminho chegaria ela à perfeita liberdade do coração?

Quis continuar; saiu com o véu engomado,

com sapatos remendados, com a grossa sacola de verdura, acontecendo-lhe de deixar cair tomates aos pés de uma senhora, que lhe ia ao encontro, para cumprimenta-la.

No entanto, suas novas Irmãs viam-na com rosto iluminado, sempre mais absorvida em oração; e as primeiras sentiam-se felizes em poer concorrer na prática da virtude com a última legada.

Olga não quis deixar-se vencer em generosidade. Para assegurar uma pensão à pequena família, retomou o ensino em sua cidade natal, e assim pôde combater no mesmo campo de Maria de D. A., onde se tinha distinguido como mestra e propagadora da Ação Católica.

Saia de pressa, na segunda-feira, em seu vestido civil quase fora de uso, e, às vêzes, com sapatos rasgados de alguma co-Irmã a quem tinha cedido os seus; era impreterivelmente acompanhada por duas grandes malas vazias.

- E' Irmã?

- E' senhorita?

- Saiu do convento? perguntavam-se a Poiana e alguns riam da sua extravagancia. Quinze dias depois, aparecia de nôvo em Santo Estêvão, entre as Irmãs impacientes de reabracá-la e de ir as malas cheias de todo bem de Deus.

Vermelha de fadiga e de alegria, expunha a *providência* sôbre a mesa da cozinha, ria conosco de todos os que tinham rido dela e tudo acabava com um clamoroso *Magnificat*. Mais tarde confiou a uma Irmã, pouco disposta para os desapêgos do coração, as suas lutas... Sim, engoliu muitas lágrimas cada vez que de nós se separava e comprimia muitas outras sob violentos sorrisos para esconder sua dor à mãe; sentia-se gelar e invadir por profunda amargura ao ouvir os interrogatórios, que cobriam de ridículo sua pessoa e de desprezo a obra, coração de seu coração: mas em seguida respirava profundamente como em alta montanha.

Oh! respiração plena, larga, bendita! Achava-se com o mundo sob seus pés. Que sensação de alívio, de *libertação*!

CHAMAZINHA ACESA

A estreiteza da casa obrigou-nos abrir outra em Mestre, à qual, conforme a determinação de distinguirmos as fundações pelas invocações das Ladainhas, coube o nome *Mater Christi*.

Era uma vilinha com todos os confortos modernos, sem excetuar o aquecedor, que acendemos uma so vez para recebermos convenientemente, no coração do inverno, Sua Eminência o Cardeal Patriarca, e que aliàs nos encheu de fumaça.

Olga, a quem confiei o pequeno destacamento, sofria por causa daquele aspecto senhoril, mas gozava que se tratasse só de aparência, porque até janeiro, quando foi possível trazer alguma coisa, foi cozinheira sem fogão, despenseira sem louça e se achou em condição de escrever a Giordani: "A determinação da Regra é: um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar, e em nossa casinha ha um lugar para cinco coisas e é de perder a cabeça para conservar tôdas as coisas em seu lugar.

No quarto da Madre está a sacristia, o arquivo, o guarda-roupa, a sala de Capitulo, e, de noite, numa maca de militares durmo

também eu. Sobrecarregadas de pobreza não temos medo nem sequer das bombas. (Note-se que estavam em tempo de guerra).

Nossa Senhora do Sorriso, alta e acolhedora lá no patamar da escada, enchia a casa. Um lindo Rosto Santo inclinava os olhos que transpiravam infinito amor e infinita dor, sôbre o tabernáculo da Capela, em que Olga se perdia em Deus. Ali atendia e esclarecia as Irmãs, despachava a correspondência e preparava a lição.

Alí, em minhas visitas à pequena família nos entendíamos sôbre tôdas as coisas, e combinávamos tudo. Ajoelhava-se a meu lado; num mesmo olhar de ardente ternura abraçava o tabernáculo e a minha pessoa.

Abria a sua pequena *agenda*, na qual estavam fielmente anotados os propósitos da meditação, as "santas obediências" até as mínimas, os desejos da Madre até os mais insignificantes, e prestava conta de suas faltas com simplicidade e brevidade, como uma filha.

Dos seus ardores, por um delicado sentimento de modéstia, raramente falava e por entre os dentes. Nos casos de fervores insólitos, preferia escrever!

* * *

S. Andrea Carmelitano
"Mater Christi"
Ao meu Jesus-Mamãe,

Como risco de ganhar uma boa "cadeirinha elétrica" devo seguir a triplice inspiração de escrever à senhora, Mãe muito amada, ao irmão Padre Luis e a Sua Eminência o Patriarca. A este ultimo um simples bilhete de exultante renovado agradecimento no trigésimo de sua vinda com o Dom dos dons: Jesus doce, Jesus amor.

Perdoe-me se sigo o seu conselho (ou ordem) de escutar as inspirações. Com a senhora devo desafogar "a cheia" do meu coração que arde de amor por Jesus; sinto que devo tudo à Mãe Imaculada e à senhora, minha mãe no Senhor, que dêle o invocaste e suspiraste por mim.

Saberei eu dizer tudo o que se passa em meu interior? Não sei; vou experimentar e a senhora com a intuição de mãe adivinhará o resto. Não são mais os impulsos deliciosos, mas moderados que começaram em Castelnuovo, na festa do Santo Cura de Ars; é uma chama mais íntima, mais profunda, mais vasta que dilata o coração e a alma, absorve-os e lhes infunde uma vida nova, não só interior, mas também física. Fantasias? Não creio, porque habitualmente sobrevém a

sofrimentos físicos e morais. Oh! bendita Oitava para a Unidade 1941! Passou-se com doença e lutas interiores; mas quem pode medir o bem imenso que agora estou gozando? Domingo, Jesus levantou-se no fundo de minha alma, acalmou ventos e tempestades, na festa mesmo de nossa Mãe comum. Desde então, não sou mais eu, mas Êle que vive em mim. Êste fogo acordou-me divrsas vêzes, também esta noite, e cantava-me na alma algo do Paraíso. Compreendi o intenso desejo de Santa Teresa *morrer de amor*. Concedeme-me essa licença, ó Mãe dulcissima?

Jesus, porém, quer também outra coisa: que eu chege a amar e desejar o desprêzo. Estou ainda tão longe. A senhora muito bem o sabe; mas o Amor, Nossa Senhora e a senhora também, minha mãe, pensarão nisto. Não é verdade? Peço-lhe guardar sigilo sôbre esta minha carta com as co-Irmãs, porque certas coisas sòmente à mãe é dado revelar...

Finalizo com as palavras do Salmo que hoje e manhã iluminou minha alma de nova luz: *Cantate Domino canticum novum, cantate Domino omnis terra* e para a frente até o convite católico: que todos os irmãos do mundo conheçam o Amor e por Êle se deixem governar.

Que é o meu fraco desejo, junto ao seu, mãe caríssima? Pois bem, permita que eu reze com o

seu coração e a senhora agradeça e exalte em meu nome, miserável, sim, mas feliz, o Senhor e a Virgem Imaculada.

Na caridade infinita
Sua aff.ma.

Olga d. M. d. D.

* * *

Nos balanços do seu Ofício, mais analíticos do que os balanços de sua alma, exaltava o progresso das Irmãs, e, com evidente desejo de ser humilhada, o atraso da obra.

Em Mestre ninguém nos chamara e ninguém precisava de nós. *Mater Christi* nascida entre as rosas, com o estímulo paterno de Sua Eminência o Cardeal Patriarca, era muito fora de mão, muito descômoda. Só os pobrezinhos e pequenos desamparados corriam ao meio-dia para esquentar o estômago,

O apóstolado catequético com dificuldade desenvolvia-se. Nos relvados, entre as novas casas operarias, amontoadas ao lado do Porto de Marguera, os rapazes abandonados gritavam. Olga arrastava atrás de si sempre uma turma e depois de uma oração a Nossa Senhora do Sorriso e uma exortação a fugir o pecado, despedia-os com um santinho ou uma medalha e um ardente convite ao Catecismo dominical na

paróquia, no qual seu zêlo achava ao menos semanalmente desafogo e recompensa.

O apóstolado litúrgico agradava pouco as volúveis alunas atraídas apenas pelo pequeno ambiente distinto e pela cândida, alegre e afável Irmã que corria a recebê-las à porta. Olga, entre uma risada e outra, conseguia segurar-lhes a atenção com o Missal, com o Marial, o Ofício Divino, a Pastoral do Emmo. Patriarca, a Encíclica do doce Cristo em terra, ou com o canto gregoriano de outra Irmã. Mas o grupo desorganizado dispersou-se, durante as férias.

De cooperação com a Ação Católica nem sequer se atreveu a fazer alusão: temores e preconceitos trancavam-lhe o passo.

Ficavam os aflitos para consolar e os mortos para velar. Esta última obra de misericórdia espiritual era menos disputada e, *Mater Christi*, contígua ao quarto mortuário do Hospital, distinguiu-se... no apóstolado dos mortos.

As Irmãs ocupadas e absorvidas só pelo estudo perceberam uma tarde que o rosto de Olga era sumamente lívido. Arrancara a licença para lavar sòzinha a roupa e tinha ficado inclinada sôbre o tanque da lavanderia, desde manhã até aquela hora, num quarto úmido e gélido, sem um raio de sol. Acabavam de dar os toques para a habitual cerimônia da noite. A heróica filha vestiu o hábito e o véu e saiu,

repelindo uma Irmã, que queria substituí-la, e desapareceu na neblina.

Falando em outra circunstância das graças de que trata São João da Cruz em seu *Cântico Espiritual*, para animar uma Irmã ao sacrifício, confiou-lhe que Jesus naquela tarde lhe tinha tocado o coração com o fogo e que tinha ficado ébria por oito dias. As co-Irmãs, testemunhas destas ascensões, por burla apelidaram-na: "*Santa Catarina de Mestre*"; mas quem sabe quantas pequenas e grandes virtudes ocultou com o esplendor de seu rosto, iluminado pelo que se passava no interior. Quem sabe quantas lutas naquele primeiro ano de fundação, que, pelos insucessos no apóstolado, lhe fez perder aparentemente o primeiro lugar em meu coração.

Tôdas, unanimemente, porém, em denominar as minhas três prediletas, viram *São João* em Maria do Divino Amor; *São Pedro* em Gina de Santa Teresa do Menino Jesus e *São Tiago* em Olga da Mãe de Deus: o menos amante e o menos zeloso dos três. Portanto, perdeu o primado do amor! Nem mais ficou com o primado do zelo! Mas quem pensava então que São Tiago teve o primado do martirio?

* * *

Eu percebia perfeitamente, quando a

barquinha, mesmo entre os frémitos da sensibilidade, avançava à velas cheias, sem necessidade de remos; e então lhe indicava praias sempre mais extensas e longínquas.

Assim, convensida que nada conseguiria em "*Mater Christi*", Olga preparou-se contente para a fundação de "*Mater Divinae Gratiae*", na ilha de Ischia, onde o vigário do Bispo, D. Ciro Scotti, um santo autêntico, estava esperando, havia já anos, as Filhas da Igreja.

Tomei-a por companheira na primeira viagem, que foi uma verdadeira viagem de núpcias com Jesus, nosso Amor. De Roma a Nápoles não podíamos nem falar e nem rezar; a bondade de Deus nos oprimia.

Ele tinha preparado tudo como sempre, e de nos exigía apenas um pouco de sofrimento; pois as almas não se salvam sem sacrifício.

Oh! como achamos delicioso o sol dardejante no trajeto de Nápoles a Baia, a travessia nas imundícies da terceira classe, a surpresa da cama inestada de insetos!

Antes de nos retirar, fomos cumprimentar o Monsenhor. Nunca mais o tinha visto, desde vinte e cinco anos e agora a sua palavra calava-me na alma com a unção de uma santidade madura para o céu.

Áquele santo tranqüilamente eu teria

confiado minhas pequenas filhas. Certamente delas êle havia de formar pequenos apóstolos; e assim ficaria satisfeito o unico grande desejo de tôda a minha vida. Imensa alegria! Transbordava.

Olga de joelhos, perto da minha cama, não parecia mais da terra e a aurora nos achou ainda na mesma posição.

Com o salmista, como cantava jubiloso o nosso coração : "Tu nos ensinaste o caminho da Vida; encher-nos-ás de alegria com a visão do teu rosto! - Delícias infindas acham-se à tua direita!"

Olga ficou naquele Tabor um ano, e *Mater Divinae Gratiae* tornou-se, no centro da bela ilha, um pequeno cenáculo de fogo!

-Por que deixaste tua mãe e vieste entre nós?- pergunta-lhe comovido um menino.

-Para trazer o fogo a tôda a ilha, por tôda a parte, pelas ruas estreitas, nas áridas praias, pelas alamêdas de pinheiros... A porta está aberta para todos... Para Ischia foi um nôvo Pentecostes.

E os primeiros a aquecer-se junto ao seu coração foram os pobres: Miguel, o pequeno maroto do Pôrto de Nápoles; Luis, um marinheiro; Pasquarela... Oh! Pasquarela! vinha todos os dias, antes de meio-dia, para livrar-se dos parasitas, que a centenas a molestavam; beijava em seguida e abraçava as

suas libertadoras, murmurando uma incompreensível ladainha de ternura em dialeto napolitano.

Uma tarde, Olga viu-se chamada com urgência pelo Vigário, para preparar à morte a pobre velhinha. Eu também estava naquela circunstância; corremos imediatamente com velas, toalhas e flôres.

Pasquarela estava nos estertores da morte; mas os seus olhos quase apagados reconheceram o anjo branco, o qual batendo a cem portas le havia conseguido um colchão limpo, e agora substituiu por um travesseiro macio os pedaços de madeira a que a encostavam para que pudesse respirar. - Pasquarela, vem Jesus; vem trazer-te o Céu!...

Naquele momento apareceu o sacerdote com Hostia Santa. Mais um olhar bem consciente a Jesus... a nós; e com Jesus no coração, entrava em agonia.

Mater Divinae Gratiae era um verdadeiro pôrto de mar. No unico quarto afluíam meninas e môças do povo, estudantes e senhorinhas mundanas, damas de São Vicente, de tôda idade, dirigentes e sócias da Ação Católica

A sineta da porta vibrava constantemente. E muitas vêzes Olga devia entreter-se à porta com clérigos, que vinham em particular, a dois, em grupinhos, para receber o livro de meditação, o

periódico religioso, uma palavra, sobretudo uma palavra de fogo daquela Irmã que tanto amava o Senhor.

E citemos agora um panegirista: "E' tarde... é a hora da iniquidade. Quanta mocidade em perigo naquelas salas!... Quanta gente sem esperança naqueles labirintos imundos! Uma luzinha demora a apagar-se. *Mater Divinae Gratiae* vela, reza, sacrifica-se pelos irmãos! Quatro seminaristas, três Irmãs e dois pequenos marujos tramam lá dentro a salvação do mundo. Reza-se, discute-se, delibera-se e enfim uma fervorosa Irmã se levanta e intima: "Ide, pregai o amor!... Abrem-se as portas e seis sombras desaparecem na escuridão à conquista das almas".

Quando a pequena família se reunia, após os trabalhos apóstólicos do dia, na cozinha estreita, aberta sôbre o mar, Olga inflamava almas e ambiente como o sol no poente.

A Providência Divina, pelos pedacinhos de pão racionado cedidos aos "Jesus", enviava em profusão limões e citrões, laranjas e tangerinas, vinho que ressuscitaria os mortos, sardinhas fresquíssimas recém-pescadas. Pelos sacrifícios do coração e do corpo, presenteava-nos com almas: meninas afastadas dos perigos da praia, môças dirigidas e moderadas no uso da moda indecente; os botões de lírio para Jesus.

Devia-se cantar o *Magnificat* e repeti-lo ao

aparecer das cochilhas nos velhos móveis, que resistiam a todos os inseticidas.

Assim chegava a noite. Cantavam-se *completas*, e Olga dava sinal do grande silêncio: *In pace in idipsum dormiam et requiescam*. Mas, freqüentemente acocorada perto do tabernáculo, despachava a correspondência, e os últimos anelos de seu coração, enamorado de Deus e das almas, eram para nós.

* * *

Mater Divinae Gratiae

1ª sexta-feira, 8-42

Exposição do Sangue

Mãe querida,

Por tôda parte pensamos na senhora e a sentimos íntimamente unida a nós no Sangue do Cordeiro Imaculado. Ontem também, na festa de *Mater Divinae Gratiae*, unidas à senhora, cantamos: "Foi o Sangue virginal do teu Coração que nos deu Jesus, Hóstia de Amor".

Foedus in Sanguine, continuou hoje de manhã Monsenhor, numa meditação insuperável sôbre a devoção do mês e das Filhas da Igreja (das *gotinhas*, como a Mãe as batizou) em particular.

Ah! se a senhora e tôdas as Irmãs tivessem

estado presentes!... Êle esboçou maravilhosamente a História *ab aeterno* do Sangue, demonstrando como a devoção ao preciosíssimo Sangue constitui a essência da devoção ao Sagrado Coração de Jesus que pulsa no Cibório na ansia de transfundir nas almas a rubra seiva de suas veias. Exortou-nos a ser as vigilantes reparadoras, dispostas a recolher as gotas de Sangue calcado aos pés e oferecê-lo sem cessar ao Pai Celeste. Então, seremos as *gotinhas* irrequietas, carregadas de detritos, que a aspersão do Sangue Divino purifica e reanima. Que belezas inefáveis!

Reze, Mãezinha, a fim de que *Sanguis Ejus fiat nobis Fons aquae in vitam aeternam salientis*. E' o que temos pedido também a Sua Excelência (mas em italiano, bem entendido).

Após a Exposição ardíamos do desejo de nos submergir na contemplação do assunto tão caro a Jesus; mas Êle nos pediu outra contemplação. O Capelão militar, com urgência, nos havia trazido o seu uniforme, o único, para remendar. No entanto êle esperava num quarto. Assim, às pressas, sem pensar em café e em almôço trabalhamos diante do nosso Jesus; e para o meio-dia tudo estava pronto!

Podia-se recusar o serviço ao Irmão-Jesus!?

ÚLTIMAS LIBERTAÇÕES

O anúncio da "cadeira elétrica" de minhas francas e rápidas exortações individuais, em que sempre me abstinha de acariciar as almas, foi acolhido em tôda pequena residência com grande alegria.

Tôdas se sentiam felizes por me confiar suas faltas e por deixar-se sacudir pelos raios de minha ternura maternal, que as queria pequenas, simples e inteiramente de Deus.

De Ischia me chegava a épocas fixas a lista de Olga, franca e esquemática:

1941:

- Dura demais com senhorita X.
- Pouco mortificada em sofrer a sêde.
- Por preguiça, pouco exata em acordar de manhã.
- Teimosa, por apêgo ao meu modo de ver.
- Dura em corrigir as Irmãs.
- Pouco sorridente.

1942:

- Por distração quebrei o tomador da lâmpada.
- Esqueci um sinal da Cruz na Santa Missa.

- Falei da Obra e do meu "eu".
- Deixei de fazer um ato de caridade.
- Fiz entender que a "banha" me ficou no estômago.
- Impulso nervoso.
- Observação a Maria A. por ter trocado de lugar uma cadeira.

Respondia lacônicamente, pois, em consciência tão sensível e delicada, o Espírito Santo queria com certeza, trabalhar sòzinho.

E eu muito me cuidava para não perturbar a ação divina com um initerêsse que talvez viesse a paralizar as asas já prontas a levantar o vôo para as profundidades do Céu.

Olga referia com a mesma perspicácia os defetos das Irmãs, que se viam fotografadas na “agenda” dela:

- pouco mortificada pelo cheiro do alho;
- pouco generosa a ocultar o frio;
- negligente nos sinais litúrgicos;
- lenta quando deve ajudar;
- apegada às suas pequenas idéias (*ideette*);
- cheia de homenzinho (*omeneto*: amor-próprio).

Nenhuma Irmã se ofendia, por que eu mesma solicitava esta prestação de contas, que me permitia vigiar sôbre minhas filhas das casas afastadas e assim extirpar, ao nascer, os maus hábitos das inobservâncias. Completavam antes as acusações da própria jovem Superiora com suas próprias “acusações” contra a mesma, acusações cheias de carinho, e que se tornavam um bálsamo para o meu coração:

- Madre, Olga pensa só em nos.
- Come às pressas para nos servir.
- Toma sempre o último bocado.
- Não para um só instante.
- Reserva sempre para si lavar a roupa.
- Transporta lenha, panelas, talheres...
- Faz de ferreiro, carpinteiro e tintureiro.
- Estraga os pulmões para acender o forminho;
- À noite nunca iria deitar-se.
- Sabe, Madre, ela faz penitência!

Na sua festa da Assunção de 1942, a Sma. Virgem nos reuniu tôdas em Roma, sob seu manto bendito, para os exercícios espirituais que deviam nos preparar a um grande ato de despreendimento, pois esperava-me uma operação que podia ser mortal.

A respeito da Obra eu estava absolutamente tranqüila, ainda que em seus inícios. Olga substituir-me-ia e as Irmãs a acolheriam como uma Mãezinha.

Era, todavia, meu ardente desejo pôr-lhes em mão uma Regra; e a Providência veio em meu auxílio na pessoa do Padre pregador, douto e piedoso Carmelita, professor de Teologia Ascética.

- Padre, disse-lhe eu, a Filha da Igreja deveria ser como uma pequena Teresa no sofrimento para o Apóstolado: um Carmelita ainda mais que uma Carmelita.

Compreendeu o Padre, e seguindo as normas do total despreendimento, exigido por São João da Cruz, mas apropriado ao pequeno por obra da pequena Teresa, reduziu a Filha da Igreja à simplicidade da *Menina de Jesus*.

A denominação e relação de Filhas, Irmãs, Espôsas, podem manifestar maior dependência, confiança e intimidade; o título, porém, de "menina" faz pensar mais no abandono seguro dos pequenos nos braços da mãe e parece mais próprio para comover as entranhas do Senhor.

As *meninas de Jesus*; terminado o retiro, dirigiram-se em visita ao Santo Padre, a quem pediram lhes promettesse que eu não teria morrido na operação; e em espírito de

penitência visitaram as sete Basílicas, difundindo os anélitos apóstólicos da pequena Teresa; anélitos apóstólicos, comentados pelo sociólogo Iginio Giordani, seu Irmão em Cristo; e, a 7 de setembro, cobertas de cilícios e correntinhas, me levaram para a sala de operação.

Olga, *Menina de Maria*, exigiu de Nossa Senhora a graça; recorreu a mais terna, compassiva e condescendente das mães, em cujo Coração se derramou o amor infinito, que criou o amor materno. Durante toda a operação Olga ficou ao meu lado, intrépida como um anjo, certa da graça como se tivesse recebido aviso do Céu.

- Sei quem morrerá antes - disse a uma Irmã... e os olhos se fixaram no Céu.

A minha convalescência prolongar-se-ia por um ano e as Filhas me suplicaram conservasse Olga ao meu lado como secretária. Maria da Imaculada iria substituí-la em Ísquia, onde por um abalo transitório da sua atividade, o afastamento da humilde Filha se tornou quase inobservado. Minha ordem de eliminar de nossas casas as môças em costume semi-balnear, foi por Olga pôsto em execução à letra, e no mês de agosto "Mater Divinae Gratiae" estava deserta.

Os meninos do Catecismo também não souberam resistir aos atrativos da praia.

Inútilmente ela agiu junto às Autoridades civis, para isolá-los entre dois recintos e substraí-los aos escândalos, sob a sua vigilância.

A assistência espiritual aos doentes estava a cargo das Damas e daminhas de São Vicente, que Olga havia reunido, organizado e iniciado às obras de caridade, após haver percorrido incansável aquelas vilas; em seguida confiou a Obra à superiora do Palacio Real.

Ao deixar Ísquia, conservava em seu coração o olhar inefável do último velhinho, que em presença delas, havia sido angêlicamente purificado de tôdas as suas imundícies, e levava consigo um "lírio" para nos, arrancado ao furor dos parentes.

Minha filha, disse-lhe eu aparentemente descontente, previa um fogo de palha; e lhe confiei o trabalho do arquivo e da correspondência.

Mas foi principalmente o meu ciúme materno que me determinou a não enviá-la mais para a Terra do Fogo, onde Monsenhor inflamava ambientes e corações com sua santidade. Não temia pelo amor exclusivo que a pequena espôsa havia consagrado ao Espôso Celeste... Pelo contrário, Monsenhor teria sido o zeloso defensor, como São José foi o guarda e defensor da pureza virginal de Maria.

Temia só que a abundância das suas conso lações paternas, na direção espiritual,

retardasse em minha filha a suprema riqueza das consolações divinas, que Deus habitualmente concede a quem por amor d'Ele renuncia a tôdas as consolações.

O meu temor estendia-se a tôdas as outras e Olga mesma fêz argutamente alusão com quem foi substituí-la: Em "Mater Divinae Gratiae" o fogo arde; veremos se, mudando de casa, continuará a arder. Êste é o estribilho da Mãe. E quando ela o diz! . . . E, com efeito, não fazia disso mistério. Para esclarecer minhas filhas sôbre este ponto capital, valia-me de minha própria experiência.

- Minhas filhas, concedeu-me Deus mais alegria depois da renúncia de uma consolação espiritual do que depois de muitas mortificações.

Nós renunciámos às consolações sensíveis para procurar o Senhor: ao amor do pai, à ternura da mãe, aos afetos dos irmãos, à intimidade da casa, às doçuras da família e da maternidade, ao prazer da liberdade.

"Alegre-se o coração daqueles que buscam o Senhor!"

Na vida religiosa achamos o cêntuplo: um Pai e uma Mãe, em quem se difunde a maternidade da Igreja e que pensam em nós e cuidam de nossas almas; uma pequena família de Deus na qual tôdas nos amamos como

Irmãs: um Espôso, o mais belo e rico entre os filhos dos homens: Espôso que nos faz mães das almas: a posse de todos os bens, porque "tudo é nosso, nós somos de Cristo e Cristo é de Deus"; o sentido da verdadeira liberdade que é a liberdade dos filhos de Deus.

Para procurar o Senhor, abandonamos Roma, "Santo Estêvão", *Mater Christi, Mater Divinae Gratiae*; mal nos tínhamos reunidas, dividimo-nos de Norte a Sul da Itália; por obediência renunciamos a solidão e por obediência interrompemos o apostolado; sentimos o coração despedaçar-se diante do tabernaculo mudo e na casa deserta.

Procurai o Senhor e animai-vos.

(Sal. 104-4)

O manso Padre Pedro Bérghamo, diretor dos diretores; o angélico Padre Luís Moresco, o apóstolo de Nossa Senhora; Monsenhor Ciro Scotti, o fogo de Ísquia: o bom de Monsenhor que nos seguiu em nossos primeiros passos, os nossos sacerdotes, os nossos Bispos, o nosso paterno Patriarca, ajudaram-nos, sustentaram-nos, confortaram-nos... mas o Amor, o puro Amor, talvez ainda não o encontramos.

Procurai sem trégua a Face do Senhor.

Devemos avançar, minhas filhas, avançar sempre mais na renúncia, avançar até às alturas

ou profundezas onde as consolações humanas não chegam ou não são mais percebidas. Lá se esconde o Amor, como o ouro na nudez das rochas ou na aridez das areias.

Feliz a Filha da Igreja, que percebe esses impulsos do Senhor! E como a pequena Teresa ultrapassa pais e mães espirituais para ficar só com o Amor! "Mal passara pelos guardas e encontrei Aquêle que é o amor de minha alma" (Cant. 3-4). Segundo a pequena Santa, os guardas são os pais espirituais.

E' fácil confundir a verdadeira necessidade de direção espiritual com a busca de consolação espiritual sensível! Como é difícil adaptar-se à direção espiritual da Regra, quando por disposição da Providência, a superiora e o confessor são segundo o coração de Deus e não segundo o nosso!

Seria o momento de procurar com maior ânsia a Face do Senhor, que dêles dista poucos passos. Muitas almas, pelo contrario, param para esmolar consolações; não se atrevem a suportar o deserto do coração, e a permanecer nesta solidão, mais deserta do que a Trapa e o Carmelo, onde se oculta com certeza o Amor.

Feliz a alma que passa por cima das consolações; deixa pai e mãe para entregar-se totalmente ao Amor! O amor não a abandonará.

Para Olga, vencer a sensibilidade do seu afeto para comigo, foi-lhe a tarefa talvez a mais difícil do que qualquer outra, por que em sua querida mãe ela via o coração da obra; daqui partiam os seus admiráveis impulsos para tôdas as coisas; para lá fazia convergir os corações das irmãs, num esquecimento extraordinário de si mesma...

Ela via na Madre, atesta Elisa de Jesus, a Mãe do Céu e queria que nós formássemos também o mesmo conceito. Tornava-se uma delícia passarmos juntas os recreios. Tinha sempre a Madre em seus lábios; falava de seus encontros com ela; aumentava em nos o desejo de vivermos também a seu lado, para aprender a amar mais Nossa Senhora, Jesus e a Igreja. O amor dela era todo sobrenatural e desinteressado. Lia as cartas dela, tão ardentemente suspiradas, depois de têlas deixado horas inteiras sôbre o altar.

Quando a Madre chegava, deixava às Irmãs o prazer de abraçá-la as primeiras, falar-lhe, desaogar-se. Mostrava-se claramente desgostosa, quando eu lhe manifestava a minha gratidão pelo bem que fizera!

Se eu lhe fiz algum bem, dizia-me, é só com a licença da mãe que lho tenho feito; a ela e não a mim, deve agradecer.

Era afetuossíssima como a pequena Teresa, mas mortificava a tal ponto a sensibilidade do coração que, às vêzes, para dominá-la e ocultá-la

à Madre mesmo, tornava-se visivelmente pálida.

Eu fingia de nada perceber, mesmo quando em suas provações interiores, que precediam ou seguiam as semanas de fervor extraordinário, ajoelhava-se a meu lado para acusar suas inobservâncias, ávida de um pingo ao menos de confôrto. E o confôrto não vinha. Uma inibição irresistível fazia morrer nos lábios.

E eu continuava: "Minhas filhas, quando o Amor nos quer inteiramente para si e quer se dar todo a nós, faz desaparecer as consolações nos lábios de quem nos ama; e as pessoas que nos são as mais caras são aquelas que mais nos fazem sofrer. Com tôda a minha ternura maternal, um dia, talvez, serei obrigada a vos conduzir sôbre o monte Oreb, onde Abraão, para obedecer a Deus, havia de sacrificar seu mesmo filho Isaac, ou abandonar-vos sôbre vossa cruz sem confôrto, como o Pai Celeste abandonou o seu Divino Filho Jesus.

E' preciso atravessarmos essas aguas, minhas filhas, para alcançarmos as praias da paz. Nossa Senhora me dê a fôrça de vos amar e a vós a paciência de serdes assim amadas.

Quanta amargura me custava responder assim friamente àqueles olhos suplicantes:

- Escreve a *Sancta Maria*, a *Sancta Virgo Virginum*, a *Mater Purissima*...

Deixava transparecer um humilde sorriso, e com prontidão, todavia mais lenta naquele declinar de 1942, acocorava-se perto de uma caixa e despachava a correspondência.

No fim das cartas, esquecendo-se ainda mais de si mesma, acrescentava:

- "Caras Irmãzinhas, perdidas na Terra do Fogo, nos vos sentimos bem próximas, próximas, pobres, pobres; mas ricas, ricas de amor. Não é verdade?... Com o *tudo* temos tudo e nada nos falta".

CHAMAZINHA ARDENTE

O cargo de secretária imobilizou Olga quase continuamente no último ano de sua vida, "qual rebento de oliveira em tórno à Mesa do Senhor", lugar e tarefa de paz que o Espírito Santo confiou às Filhas da Igreja no Salmo 127: "*Sicut novellae olivarum Ecclesiae Filiae in circuitu Mensae Domini*".

Olga aqui submergia-se na paz que os Anjos prometeram à boa vontade, e daí difundia a paz de Jesus que sobrepuja todo o entendimento: o fruto mais excelente e desejado do Espírito Santo.

As suas cartas que sem faltar enviava, duas vêzes por semana, a tôdas as pequenas comunidades próximas e distantes, chegavam como rebentos de oliveira para unir todos os corações na paz.

Muitas vêzes era sùbitamente tomada pelo sono; a necessidade de movimento e de atividade, uma tendência afetuosa e social tentavam-na a demitir-se de seu cargo; mas lutava e reagia como verdadeira Filha da Igreja militante, porque Jesus veio trazer à terra a guerra e não a paz sonolenta dos tibios ou ilusório dos dissipados.

Nos tempos da oração e do trabalho para achar a fervorosa secretária, era preciso subir à capela e visitar o Santíssimo Sacramento.

Se lá chegava eu, apresentava-me o Missal, ou o Ofício, ou a biografia do Santo, cuja vida ia lendo aos poucos, para manter o espírito no clima da meditação.

Acontecia freqüentes vêzes de não poder conter em seu íntimo o gôzo que lhe inundava de paz o coração. Então exclamava:

- Ouça, Madre!

- Que beleza, Madre!

- Madre, é preciso fazer ler o Pe. Poppe aos sacerdotes. Se me permite exponho a vida do Padre Poppe na sacristia. É um verdadeiro Filho da Igreja.

Aos meus *sim*, em voz submissa e quase com indiferença, respondia com o olhar inflamado para o tabernáculo: em seguida beijava-me a mão em sinal de gratidão.

A correspondência de Olga era toda brio e humorismo e as suas "radio-crônicas" alegravam-nos com as façanhas do omeneto (homenzinho), o orgulho ou amor-próprio espiritual, capaz de se transfigurar também em apóstolo e em santo, contanto que possa sobressair, velho como *c homo vetus* de S. Paulo, ainda que pequenino.

O dela confundia vagalumes com constelações!

Lendo o que Santa Teresa, no capítulo 40 de sua "*Vida*", prevê nos últimos tempos uma Ordem religiosa defensora da Igreja, logo ela julgou discerní-la nas Filhas da Igreja!

Olga amava intensamente o adorável mistério do Corpo Místico de Cristo e estava disposta a qualquer momento a sacrificar a sua juventude para fazê-lo conhecer e amar.

A alegre cronista registrava acontecimentos importantes e de nenhum valor, públicos e particulares. Todas deviam saber tudo e participar da vida da comunidade como verdadeiras filhas de família; contribuir de coração à expansão da "igrejinha".

Um instinto superior, que lhe era infuso, tal como o Dom do Conselho, corrigia certas imprudências aparentes, elevava os fatos grandes e pequenos ao mesmo plano sobrenatural da vontade de Deus; sabia colorir tudo com áurea simplicidade.

Após as reuniões no Palácio Patriarcal, para o exame das Constituições, escrevia às Irmãs de Ísquia: "Narrar-vos-ei tudo na crônica que ardentemente desejo redigir. Será importante, após três reuniões patriarcais, com serviço de café e de elevadores!... "Durante a leitura o "professor" ficava de pé, na frente do Cardeal, virava as páginas e fazia ostentação de sua ciência canônica. A Malre tudo observava

sorrindo beatamente, contente do que a Igreja estava fazendo, pronta a ceder, mas com as pupilas em ato de súplica, quando se tratava de pontos e matérias delicadas, como permanecer pobres, renunciar tudo nas mãos do Papa, dos Bispos... No fim da revisão das Constituições, mamãe estava deveras em êxtase e Sua Eminência admirava o balanço financeiro... obra-prima de nossa invenção.

Os cofres vazios tornavam fácil a administração e nos obrigavam com frequência ao trabalho de propaganda da Palavra de Deus, que aos outros dava o Pão do céu e a nós o pão da terra.

Nestas missões Olga era insuperável! O seu fervor que era tão delicado e ardente com o corpo eucarístico de Jesus, derramava-se como fresca corrente espiritual sobre o Corpo Místico; e os lírios desabrochavam. E se conseguia descobri-los, era uma especialista em protegê-los para ornar e perfumar o altar do Senhor. Santo Ambrósio no-la representou vivamente no seu livro de "*Virginitate*".

Acontecia-lhe pressentir o esconderijo de alguma dessas almas virginalmente puras (e era esperta além do que se possa imaginar nessas pesquisas). Com extremos cuidados e deligências seguia o rasto da prêsã desejada até seu esconderijo, e, quando alguma mais corajosa levantava vôo, alegrava-se e aplaudia

o seu gesto; com as outras formava-lhe coroa virginal, até que suavemente atraída pelo cândido cortêjo e esquecida da casa paterna não se recolhesse na cidadela da castidade e nos jardins do candor virginal. Arrasta-me após ti! suspirava então perto da portinhola do tabernáculo, abraçando-o; correremos após ti, à fragrância de teus perfumes

O anzol de que se servia para apanhar as almas era Nossa Senhora. A sua piedade eucarística, como o seu apostolado, eram profundamente impregnados dos gôzos, das dôres e das glórias da sua doce Mãe: revivia êsses mistérios em suas orações e os fazia reviver por meio de representações sacras nas festas do ano litúrgico, nos dois ciclos anuais do Rosário e nos dois meses particularmente consagrados a Maria.

Sempre que se tratava de Nossa Senhora, mas principalmente naqueles tempos e naqueles dias, ninguém podia conter "o gaz de Olga", como diziam as co-Irmãs.

Em 8 de dezembro de 1942, na Casa "*Mater Christi*", de capacidade para cinco pessoas e com louça para cinco pessoas, os comensais entre Irmãs, Postulantes, crianças e pobres elevaram-se a trinta e cinco. A Comunidade teve que almoçar sôbre pedaços de tabuas sustentadas pela cesta vacilante de lenha. Olga estava com asas. Os cinco pratos em suas mãos

voavam da panela à mesa, da mesa à pia da água: e uns após outros comemos todos, com grande festa para os convidados, que nos viam de fato pobres como êles e na mesma grande alegria, pela intervenção visível da Divina Providência.

Almôço para todos!... Imaginai... ! para 35! escreve Olga às Irmãs distantes.

Em 11 de fevereiro de 1943, Nossa Senhora do Sorriso sorria ao esplendor dos vestidos de seda cândidos e azuis, que, em tôda a tarde precedente tinham dado muito que fazer à fervorosa Filha. Jesus Hóstia estava a seus pés, como o Menino Jesus no presépio.

Olga com um grupo de novas Irmãs, genuflexas nos degraus da escada, consagrou novamente o seu coração ao Coração Imaculado da Mãezinha Celeste, a qual, como canta a liturgia, “a visitou e extasiou”. Algumas jovens estudantes, presentes àquela cena, tenham talvez contemplado o espetáculo das virgens vestidas de branco com as velas acesas, como nas antigas funções litúrgicas, enquanto as crianças, ao pé da escada, admiravam mudas o rosto das novas Irmãzinhas (suorette), brilhante de inocência e saúde, e as feições de chama que transpareciam do rosto de Olga, que as obrigava a olhar como ela para àquela doce Nossa Senhora e a cândida pequena Hóstia.

Os efeitos dêsses transportes duravam em Olga semanas inteiras. Sempre que falava de sua *Primeira Mãe*, manifestava um certo enlêvo, como quando falava do *Segrêdo da verdadeira devoção*, que, como para S. Luís Grignon de Montfort, era o segrêdo de sua grande alegria.

No comêço obriguei-a a conformar-se à liturgia e não ultrapassar aos limites litúrgicos, que aliás não são limites, mas amplificações; em seguida, porém, deixei ampla liberdade para se movimentar nestes espaços pacíficos. O mesmo teólogo Carmelita que pregara os exercicios espirituais em Roma, estimulara-nos, no intuito de promover o culto da Virgem, a aproveitarmos todos os meios: Escapulário, Rosário, o Segrêdo do Santo de Montfort, Comunhões aos Sábados, reparações, consagrações...

Com esta liberdade Olga respirava satisfeita. A devoção a Nossa Senhora, fazia-Ihe eu também observar, é como as virtudes teologais: contra elas não se pode pecar por excesso. Pois esta devoção é ela também um ato de fé na Mãe de Deus, de esperança na Mãe da divina Graça e de amor na Mãe do Verbo de Deus.

Num dos primeiros dias de março, recebemos a noticia que no Cinema de Mestre se representava gratuitamente para as

Comunidades religiosas, nas horas posmeridianas o *Pastor Angelicus*.

Na noite que precedeu a eleição de Pio XII, as primeiras Filhas da Igreja, afim de serem as primeiras a entrar em S. Pedro na manhã seguinte, dormiram num quartinho perto da Porta Angélica, sôbre dois colchões juxtapostos em cumprimento, de maneira que o busto descansava sôbre a lã e as pernas no assoalho.

- Mas teriam dormido mesmo ao céu aberto, contanto que pudessem estar na manhã seguinte mais perto do Papa!

O Papa...! Olga exultava só em ouvir o doce nome! Nem sequer um instante duvidou-se sôbre o que se devia fazer. As Filhas da Igreja, transferidas para Trivignano haviam de correr im massa para ver o Santo Padre.

A notícia difundiu-se logo em tôdas as casas do lugar e uma multidão de môças e meninos quiseram nos acompanhar. Olga estava à frente do cortêjo; batalhou para alcançar entrada gratuita para todos e ocupamos os lugares na fileira da frente. Olga esperava radiante.

Após alguns minutos, o filme começou a desenrolar-se, representando aos nossos olhos e ao nosso coração a figura bendita e cara do Santo Padre, em que Jesus aparece como um outro Sacramento de amor.

Era aquele mesmo que já, outras vezes tínhamos visto, ouvido e tocado e a quem havíamos falado sem temor, como crianças, e com o coração ardendo de amor.

Olga foi a primeira a romper o nosso religioso silêncio contemplativo.

- E' Êle, Madre! Que alegria, Madre!

- Um psiu!... imperioso sibilou no silêncio, acompanhado de ameaça com minha mão levantada.

- Oh, Madre! É Êle, Madre!

- Cale, Olga, por favor! Você, é pior do que uma criança.

Mas Olga sabia que quando eu fazia a voz grossa não havia nada a temer; e a vi diante de mim, quase erguida, com um rosto que convidava a gritar: Viva o Papa!

- Olga... e o decôro religioso!

Mas quem pensava no decôro religioso nas escadarias, nos pátios, e nas salas vaticanas, quando se tratava de ocupar os lugares melhores para poder beijar aquela mão, dizer alguma palavra àquele Coração? Sacerdotes, religiosos, irmãs, todos corriam, todos feitos simples como crianças, a quem em sua própria casa, com seus caros familiares, tudo é permitido.

Aqui era mesmo Êle que avançava, ágil, paternal, convidativo, como na realidade. Eram

ãs mesmas salas, a sala Clementina, a sala do *Troneto*: aquela mesma em que na última audiência particular, unicamente para nós, em 27 de agosto de 1942, pude dizer ao Santo Padre, inclinado sôbre ela, como uma mãe sôbre sua própria filha, num momento de uma conferência suprema, o seu grande sonho católico com as palavras da pequena Santa:

- Santo Padre, em vosso coração, que é o coração da Igreja, eu quero ser o amor!

Na expectativa do "puro amor", ela soube aproveitar o Mistério da Comunhão dos Santos e havia formulado o propósito de amar com o coração maior da terra, e participar dos ardores apostólicos do mesmo.

Ajoelhada no meio das outras, passou despercebida e sômente a Irmã que lhe estava a lado recolheu o eco de suas palavras...

A *Charnazinha ardente* como teria desejado perder-se naquele incêndio de Caridade para inflamar com seus mesmos ardores tôdas as almas; os olhos penetrantes do Papa fixaram-se nos olhos da serra de Deus com inefável ternura.

Como deixar de lembrar com ternura êsses episodios? Como reprimir no intimo da alma êsses ardores vitais!?

Em semelhantes ocasiões as outras tôdas não se deixavam vencer; todavia, admiravam tôdas o "gaz" singular de Olga.

- Peguei um golpe de sol, disse em seguida a uma Irmã; e as pupilas desapareceram debaixo das pálpebras, como costumava fazer, quando estudava-se para ocultar alguma maravilha só por ela conhecida.

LIBERTAÇÕES DIVINAS

Desde àquele dia a cabeça de Olga ficou mais dolorida. Mas quem poderia adivinhá-lo?

A fiel e generosa filha era sumamente esperta em ocultar todos os sinais de seus sofrimentos e era difícil surpreendê-la em flagrante de mortificação.

À mesa tomava, como chegavam, as caldaças que Assunta, por exagerado amor da pobreza, preparava às vêzes sem condimento algum, e mais o bocadinho particular, que vendo-a tuopálida, de vez em quando lhe deixava cair no prato.

Durante muito tempo, em tôdas as refeições, tomou leite, que eu lhe havia prescrito, julgando causar-lhe prazer. Soube depois, já terminado o tratamento, que cada vez lhe dava profundo mal-estar.

Quando não conseguia ocultar as mortificações, estudava para manifestar as imortificações.

Quando chegava onde eu estava, em momentos de confusão, arrancava um *Sim* e desaparecia na despensa. As Irmãs de "Mater

Christi", viam-na em seguida voltar, com as malas cheias.

No intuito de ajudá-las, cuidá-las e prevenir as necessidades das Irmãs não havia outra como ela. Sua caridade espontânea e simples era para nos uma tentação que nos levava a abusar de suas fôrças.

- Olga!
- Onde está Olga!
- Chamai-me Olga!
- Olga, a Madre te chama!

Em 1942, corria, mas já se erguia com dificuldade; mas para mim, para as Irmãs, para os pobres, para a Obra estava sempre pronta e sobrecarregada de compromissos, que sòmente ela sabia desempenhar; e tòdas julgavam-se com direito de encarregá-la.

Nosso Senhor, desde o inicio da Obra, foi aperfeiçoando e completando as suas imolações secretas com um sofrer misterioso, chamado de *Noite* por São João da Cruz. Noite clara para ela, iluminada por Maria e suavizada pelo seu amor.

Há um sofrimento misterioso, minhas filhas, que seca a sensibilidade. E' um deserto do coração, o que, se vier de Deus, para os outros tem sempre seus oásis. Esta grande graca de dar vem completar as nossas insuficientes

mortificações, torna amargas as consolações, a que ainda a alma não soube renunciar; e a respeito de tudo o que é criado nos comunica como que uma impressão de exílio; e assim nos vai libertando de tudo o que é caduco e efêmero.

"Olhei a terra, exclama êsse coração árido aos raios dessa ciência divina, e tudo nela achei estéril, esqualido e sórdido; olhei os astros e achei-os sem luz". Mas debaixo do deserto manam as águas da vida; e o Amor, que se oculta, sustenta com sua Fôrça divina o pobre coração solitário que a Êle só busca.

Estas graças dolorosas, freqüentes como as gozosas, imprimiam no rosto de' Olga o palor da morte; julgávamos fosse apenas consequência de suas extraordinárias fadigas e noites sem sono; pois estávamos convencidas de que o "pequeno vulcão" estivesse sempre em amorosa erupção: o seu pronto é quase instintivo sorriso e o seu "gaz" a jato quase continuo nô-lo confirmavam.

- Com que prazer escribes a Ísquia! - disse-lhe em tom de convicção, uma tarde.

Pela primeira vez, levantou-se com certa altivez e se defendeu:

- Pelo contrário, Madre; custa-me tanto!

À sua segunda mãe, podia, sim, dizê-lo! E a mim um espinho me atravessou o coração.

Eu mesma que lhe media a respiração achei-me desorientada.

O sofrimento misterioso que aniquila o espírito, descrito por São João da Cruz na segunda *Noite* era-lhe ainda desconhecido, quando passou da Terra do Fogo para a nossa zona fria, onde, dizia ela brincando, os Sacerdotes falam "a frio" do Amor.

O frio, o gelo começavam pelo contrario a manifestar-se nela; atormentavam-na com seus rigores; e, inexperiente nesta provação, manifestou os primeiros indícios de depressão, que nós julgamos esgotamento.

- Olga, não estás bem, dizia-lhe, quando a via entre um serviço e outro embaraçada em seus movimentos com o rosto lívido e desfigurado.

- Não é nada, Madre; são apenas os meus nervos e a minha preguiça.

O médico, a quem em meus temores me tinha dirigido para poder dar-me conta daquela insólita lentidão e rigidez de movimentos, assegurara-me também que não era nada; e assim, agradecendo a Nossa Senhora, deixava de indagar.

Mas os seus sofrimentos aumentavam visivelmente, e, numa tarde nevoenta, veio ter comigo; pôs-me diante dos olhos a *Noite Obscura* de São João da Cruz, e enrubescendo me disse: - E' isto, Madre.

Lí o trecho que me mostrava. Era o seguinte: "A alma, em tais condições muito pouco pode, à semelhança de quem está fechado o num obscuro subterrâneo, mãos e pés atados, sem poder mover-se, nem ver e nem receber auxílio algum de quem quer que seja".

Queria ela desviar a minha preocupação com seus sofrimentos físicos, que já não podia mais ocultar; pois se manifestavam os sintomas de próxima doença, ou implorava simplesmente luz e conforto?

Iluminá-la ser-me-ia muito difícil e mais difícil ainda confortá-la; por isto lhe respondi brevemente:

- Sim, Olga, é êste mesmo o estado de sua alma. E a Filha dócil, habituada a considerar em minha voz a voz da Mãe de Deus, suportou em paz a provação, não pediu e nem esperou outros livros ou outros diretores.

O Minhas Filhas, os sofrimentos do espírito privam a alma das consolações divinas, para estabelecê-las na sua Vontade, que é Deus mesmo. Mas essa separação é lenta e violenta como a separação da alma do corpo na agonia e na morte.

Feliz a alma que Deus liberta assim do amor-próprio, ao ponto de arrancar-lhe gemidos: "Eis, para mim não ha mais alivio algum! Sou a mim

mesma um peso!" Sòmente Êle pode romper êsses fios invisíveis do amor-próprio, essas vivas fibras da natureza.

- Minhas Filhas, quando o sol atrai as aguas do mar, as praias ficam a descoberto; e onde antes se avolumavam as ondas, aparecem apenas fragmentos e destroços.

Quando os Raios X do Temor de Deus póem a consciência em plena luz descobrem-se bacilos, de cuja existênciã nem suspeitávamos, e a alma que se julgava incontaminada, de repente acha-se infeccionada.

Olga também ao sobrevir desta prova descobriu "os maus e viciosos humores que antes não conseguira ver".

Nem mesmo as co-Irmãs conseguiram descobrir verdadeiros defeitos na Filha que era dom de Nossa Senhora. Eu não conseguia satisfazer a sua sede de correções, quando se atirava a meus pés como uma culpada, apesar de faltar matéria.

No último ano pelo contrário, sob a poderosa radioscopia divina, à vista de tôdas apareciam os aspetos angulosos de seu carater, de modo particular a sua acentuada tendência a insubordinação.

Mas mesmo antes, quando alguma ordem não coincidia com o seu modo de ver, ou por causa

de meus esquecimentos, contradizia alguma ordem dada precedentemente, tornava-se pálida e às vezes deixava escapar alguma reticência: o primeiro movimento involuntário era vencido por uma obediência perfeita e castigado por uma humildade que comovia.

Uma minha carta, enviada em 1941 de Monte Bérico, a única que encontro entre as lembranças que deixou, carrega as tintas daqueles defeitos:

"Aos pés da querida Nossa Senhora que te presenteou ao meu coração, permito-te renovar os santos votos religiosos até o dia 8 de setembro, quando os renovaremos todas juntas em Roma. Renova-te interiormente numa obediência mais generosa, ou melhor, mais constante.

A tua generosidade sofre momentos de paradas interiores. Continuas a obedecer exteriormente, mas no íntimo surgem motivos e razões que se manifestam com reticências penosas para a tua pobre mãe, que se vê obrigada a mandar em vista da Obra.

Nossa Senhora torna-nos possível, com a graça do seu Divino Filho Jesus, o que parece impossível à pobre natureza. Em seu doce amor".

Em muitas circunstâncias a obediência de Olga foi heróica.

No bombardeio de Mestre em 1941, ficou por duas horas com os dentes cravados pelo medo,

mas imóvel no lugar que eu havia determinado para a pequena Comunidade e que, segundo o modo de ver dela, não era o mais seguro.

Em Nápoles enfrentou o bombardeio do navio em que viajava, para não demorar-se na cidade, além do tempo que lhe tinha marcado.

Para animar e auxiliar as co-Irmãs, sem preparo sustentou um exame público, donde saiu humilhada por se ver, no êxito, equiparada ou de pouco superior às suas ignorantes companheiras.

Mas na escuridão da sua *Noite* a sua paidez ia-se acentuando, e as reticências, que eu qualificava de "rabinhos" (codette), iam-se também multiplicando,

"Rezai por mim, escrevia ela como secretária, aos pés das cartas de Ofício, a fim de me torne mais obediente, e conheça os justos limites. Sabeis que é o meu fraco".

"Rezai para que me converta e possa ver claro na obediência. A Mamãe quer que à leitura espiritual se lia *Cristo ideal do monge*, a começar com o Capítulo XII, *O Bem da Obediência*. A nossa santidade está tôda aqui: obedecer, morrer, obedecer, como Jesus nosso modelo perfeito".

Em suas resoluções dos dias de retiro, desde Novembro 1942 a março 1943, insiste sôbre la obediência.

1ª Sexta-feira - Novembro

- Intensificarei o meu fervor com atos de amor mais freqüentes.
- Obedecerei *cegamente, prontamente, fortemente*, sem manifestar o meu modo de ver.
- Intensíssima devoção a Maria.

1ª Sexta-feira - Dezembro

- Idem mês precedente.
- Obediência sem o meu parecer.
- Marcar os atos de obediência.
- Devoção a Maria.

1ª Sexta-feira - Fevereiro

- Santas Obediências.
- Ordem no quartinho.
- Ordem na gaveta de meu uso.
- Ordem nos papéis de meu uso.
- Ordem na roupa de "Mater Christi".

1ª Sexta-feira - Março

- Nunca acrescentar o meu parecer.

Uma das causas de suas reticências, além dos múltiplos afazeres que devia desempenhar sòzinha, eram os fenômenos precursores da moléstia que a acometeu em fins de março;

porém, mal lembrava os propósitos feitos a Jesus, batia tu sua cabeça desmemoriada e precipitava-se para executar a ordem.

Se nem sempre a execução saía perfeita por causa da sua tendência à análise, a qual todavia era sempre corrigida por um feliz instinto de síntese, imitava a criança, que a pequena Teresa nos apresenta como modelo para as pequenas almas imperfeitas: a criança vive sempre atenta no esforço de alcançar a mamãe que a espera no alto da escada, como em qualquer outra parte. O Senhor que "*tira o pobre do monturo, para fazê-lo sentar entre os príncipes do seu povo*", não teria descido finalmente para levá-la da sua abjeção?

Uns quinze dias antes de cair doente, narra Gina de Santa Teresinha do Menino Jesus, sai com Olga para as provisões. Na volta falávamos das virtudes de algumas Irmãs: e como de repente eu lhe dissesse: "E de nós duas que será? Que fazemos nós? Pensava naturalmente em mim mesma e não em Olga que era virtuosíssima".

- Mamãe querida! exclamou ela. E' mesmo uma vergonha, particularmente para mim que vivo tão perto da Madre! Quem sabe, quanto a faço sofrer! Às vezes refletindo nisto, experimento uma dor agudíssima! Sinto a necessidade de ser humilhada e desprezada.

Seria necessário uma mão de ferro para sacudir esta minha natureza tremenda e me tornar mais generosa. Porém, continuou calma e serena e quase iluminando-se, achei uma bela consideração em Batisti. Ao voltares a "Mater Puríssima", tu também a deves ler. E' uma comentário sôbre o Noturno do Segundo Domingo de Quaresma; fala da luta de Jacó com o Anjo. Tu verás que a conclusão é para mim, e a repetiu palavra por palavra: "Quando Deus não pode vencer a sua criatura na vontade, que Êle sempre respeita, acomete-a no corpo, como o Anjo tocou o nervo de Jacó. - Doenças, cruces, sofrimentos são as investidas divinas com que quer vencer por amor".

- Sim, continuou, o Senhor comigo fará assim. Visto que eu não sei me domar, Êle me domará; é dêste lado que Êle me apanhará.

Já estávamos à porta do Hospital".

CHAMAZINHA VIVA

Na leitura espiritual, as consolantes e divinas afirmações da nossa incorporação a Cristo e de como completamos em nós as dôres de Jesus para a salvação dos pecadores, saíam espontâneas do meu coração, quando Olga estava presente, com tanta emoção que eu mesma estranhava.

- Minhas filhas, o sofrimento físico é uma grande graça; graça maior é o sofrimento espiritual: a graça incomparável é o sofrimento suportado em vista do apostolado.

A alma se torna como um grãozinho de trigo que, antes de se tornar espiga, deve ser castigado na umidade e escuridão: é o sofrimento sensível.

Mas ceifada a espiga, é debulhada e moída e aparentemente aniquilada; é o sofrimento espiritual. Enfim sob a ação do fogo torna-se pão: é o sofrimento apostólico.

Os Santos suspiravam para se tornarem espigas, não para gozar do sol, mas para se tornarem pão para os irmãos.

Sòmente êles são capazes de sofrimento apostólico, que é produzido pelo fogo do Amor Divino e alimenta divinamente as almas.

Olga escutava sempre avida de imolação. Oh! poder ser pão! Com o próprio sofrimento alimentar as almas! Sim! Sim, como Santa Catarina de Sena, como a grande Santa Teresa e a afável Santa Margarida Maria, como a Bem-aventurada Madalena de Canossa e Santa Teresinha do Menino Jesus!

Como devorar as etapas!

- "Augúrios de pronta santidade, escreve às Irmãs em sua última crônica.

As Filhas da Igreja devem ser totalitárias, insiste em suas últimas cartas, dispostas a tudo, diz a Madre, por Deus e pelas almas que esperam nossa oração e o nosso sacrifício sempre acompanhado de sorrisos".

Em seu caderninho de notas fixou esta orientação definitiva da sua alma:

"As almas se instruem com a palavra, mas se salvam com o sofrimento (Venerável Pe. Chevrier).

"O' Jesus, perdoai-nos os pecados, preservai-nos do fogo do inferno, levai tôdas as almas para o céu e socorrei especialmente as mais necessitadas de vossa misericórdia" (Mensagem de Fátima).

"O' Mae de Jesus Amor, dai-me a sua dor!

O desejo da espiga de trigo, em ato de ser moída, inflamou-se!

O sofrimento apostólico, o prolongamento do sofrimento redentor de Jesus, nos últimos menses foi certamente a sua idéia fixa, que a estimulava a aceitar e a ultrapassar tôdas as formas de sofrimentos, até os mais duros e revoltantes.

"Havia alguns dias, o numero dos meninos ia engrossando; gritos e barulho faziam-se ouvir em tôda a casa. Assim estávamos em mais intensa comunhão com Jesus Paciente".

"Aqui não há tempo nem para respirar. Cada dia uma nova revolução de chegadas e de saídas... leitos improvisados... E' uma azáfama sem fim! Mas... Deo Gratias!"

Vós também não estais excluidas da voltazinha nacional! A Mãe nos chama de palhaços de Jesus! Melhor do que assim... morre-se!"

O exemplo das co-Irmãs em que vê Jesus sofrer pela salvação do mundo, é-lhe um estimulante a se tornar mais generosa e assim estimula também as outras.

"N. aqui é sempre fervorosa, e unida a N; N. e N. constitue o grupinho das santinhas. Nosso Senhor oferece-nos exemplos heróicos de sacrificio; convertâmo-nos".

Em mim, sua superiora, ela via claramente sofrer Jesus:

"Após a operação Jesus lhe fêz um bonito presente; e agora a sua capacidade de sofrer é imensa, porque é Jesus que sofre nela".

"Não podeis acreditar quanto ela sofre por aquela alma... o seu coração sofre realmente as penas de Jesus no Jardim do Getsêmani".

Ela deseja o mesmo sofrimento: e havia de ser batizada com o mesmo batismo da dor!

O mesmo apostolado já não a atraia senão como sofrimento, porque sem efusão de sangue não se salvam as almas.

No intuito de melhorar-lhe a saúde, tomei-a como companheira numa peregrinação a Nossa Senhora de Monte Bérico; tinha-a recebida de Nossa Senhora.

As Filhas iam multiplicando, iam multiplicando as casinhas; mas os poucos móveis eram sempre os mesmos; os vestidos para o uso iam diminuindo e não havia modo de adquiri-los novos por nenhum preço. Grande motivo de júbilo para as Filhas da Igreja: eram quarenta, tinham só vinte hábitos religiosos, isto é, a meade da veste única que o Evangelho concedeu os Apóstolos. Ninguém, porém, percebia. Nas obras de apóstolado revezavam-se em vesti-los; e tudo progredia do mesmo modo e ainda mais rapidamente⁴.

A situação havia de me preocupar; mas o "*jacta super Dominum curam tuam*", ou melhor "*super Dominam*", tratando-se de vestidos, tirava-me tôda preocupação. A Virgem Maria que me enviara as Filhas, haveria também de vesti-las.

- Olga, escreve a Vicença: o hábito religioso nô-lo deve prover Nossa Senhora.

Confiança naquela que, por suas súplicas, é todo-poderosa, Olga, não tinha menos do que sua Madre. E de um lado e de outro, tempestou de cartolinas-expressos todos os armazens e fábricas de Vicença.

- A impresa Bocchese respondeu afirmativamente: verdadeiro milagre, vistas as dificuldades da guerra. Bastava fazer a viagem, escolher e decidir.

A perspectiva fêz desaparecer todos os males.

Numa linda manhã de março, tomamos o primeiro trem e, duas horas depois, estávamos em Vicença. O sol já irradiava sua luz sôbre todo o horizonte. À subida da colina onde está o santuário de Maria foi muito cansativa; ao longo de todo o percurso, rezamos o santo Rosário. Esquecendo a sua própria cabeça, Olga preocupava-se em proteger contra os raios solares a minha, e sustentava-me pelo braço para me aliviar do cansaço da subida; e rezava, rezava.

Chegamos ao santuário cansadas, ela por causa da doença, que breve se manifestaria, e eu por causa da recente operação. Acompanhamos as santas Missas só com os olhos e o coração.

Era a primeira vez que juntas contemplávamos a nossa cara "Madonna"; e seria também a última. Eu, sem sabê-lo, restituía minha filha a Maria lá mesmo onde lha tinha pedido, e Maria lhe preparava a graça, à qual progressivamente, nos desígnios de Deus, haviam sido preordenadas tôdas as outras recebidas lá no alto, no santuário, mesmo aquela que atualmente pedíamos: o hábito religioso branco, simples, pobre, sem nenhuma preciosidade, símbolo da nossa semelhança com os anjos e da nossa inteira oblação a Cristo.

- Madre, disse-me ao sair do santuário, a senhora pediu a Nossa Senhora o hábito e algo mais...

- Sim, Olga, respondi-lhe: pedi aquilo mesmo que pedimos cada dia entre a Elevação da Hóstia e a Consagração do Cálice, quando pelas palavras sacramentais está presente no altar o Corpo e o Sangue de Vítima que Jesus recebeu de Maria: a capacidade de sofrer e morrer como Êle pela Igreja e pelo mundo.

Descemos a colina do santuário interiormente absorvidas! ...

No armazem ao pé da colina achamos, por preço muito moderado, seis rolos de refugo de seda.

* * *

Sofrer e morrer pela Igreja e pelo mundo! Compreendia Olga que esta inefável graça de dor, desejo ardente de sua alma e da nossa pequena Obra, não lhe podia ser concedida senão por uma suprema graça de amor, e ainda que abatida ao ponto de desejar os golpes domadores de Deus, por ela suspirava, como a cervo sedenta suspira pela fonte das águas.

"Estas almas, diz São João da Cruz, ainda que se sintam miseráveis e indignas de se aproximar de Deus em seu estado de trevas purgativas, aspiram todavia à União divina com tamanha coragem e atrevimento, porque o Amor mesmo lhes dá as forças para amar de veras; é próprio do Amor que o amante se esforce por se unir e igualar o objeto amado e tornar-se semelhante a êle, a fim de aperfeiçoar-se no bem do Amor"

A caderneta de notas de Olga contém estas últimas pesquisas e ardentes aspirações:

"Onde não ha amor, semeia amor e colheras amor" (S. João da Cruz).

"O que sempre agrada é o amor" (S. Gertrudes).

"Aumentai em mim o amor. Aprenda o meu coração a saborear quanto é doce amar, submergir-se e consumir-se no amor" (P. Claut).

Às suas resoluções das primeiras Sextas-Feiras do mês de 1942 e 1943 sôbre a obediência, imprime um impulso particular com uma outra resolução que vem corroborá-las e dominá-las tôdas: "Avivarei o meu fervor com atos de amor mais freqüentes"; e repete a mesma resolução de mês em mês.

A chamazinha debaixo do alqueire irradiava intermitentemente as suas fagulhas.

O Bom Deus irá colocá-la sôbre o candelabro da cruz para que ilumine tôda a Igreja?

Todos os que a viram sofrer, assim pensaram, por causa da transformação repentina que veio fazer desta alma, já tão generosa, um pequeno crucifixo obediente até à morte e a morte da cruz.

A graça incomparável veio-lhe de Nossa Senhora por meu intermédio; em 25 de Março a Mãe Celeste iluminou a minha palavra propositalmente para ela e foi uma recompensa

para o seu admirável espírito de fé que lhe fazia ver em mim a Ssma. Virgem Maria.

- Minhas filhas, a nossa santidade e a nossa missão sôbre a terra está tôda dentro de um pequeno *Sim*, que sômente Maria pronunciou em tôda sua plenitude; o *Sim* de nossa mente que honra o Pai, o *Sim* de nossos lábios que honra o Verbo e o *Sim* do nosso coração que honra o Espírito Santo. O *Sim* de Maria honrou e glorificou a Ssma. Trindade e salvou o mundo.

Os olhos de Olga elevaram-se e perderam-se no Céu, levemente injectados de sangue; e lá se fixaram como para contemplar a visão repentina de um novo horizonte. Em seguida teve que retirar-se. Não podia mais resistir.

Na Santa Missa tinha consumado a última hóstia e "*Mater Christi*" estava sem tabernáculo, sem Nossa Senhora do Sorriso, num verdadeiro caos, por causa da transferência para uma nova casa, no centro de Mestre, que nos era oferecida gratuitamente pelo Dr. G. Prosdócimo.

No dia 27 de Março, viu-se obrigada a ficar de cama; e disto assim dava notícias às Irmãs:

"Os mistérios dolorosos estiveram todos presentes: o 3º com dôres de cabeça agudíssimas, o 4º com o continuo vai-e-vem na casa de Via Carducci, e quase a morrer no caminho do Calvário".

E lança o seu ultimo apêlo com as seguintes palavras:

"Sangue por Sangue: a nossa santidade está tôda aqui: obedecer, morrer, obedecer!"

Na Missa paroquial do 3º Domingo de Quaresma, prostrou-se pesadamente à minha esquerda, cadavérica, molhada em suor, com os olhos tingidos de sangue.

Pensamos num desmaio; mas recuperou alento. De volta em casa recuperou também a sua vitalidade exuberante. Mas logo em seguida reapareceram os sintomas alarmantes.

Julgou o médico se tratasse apenas de gripe; e de carro levei-a à nova Casa da Providência: casa que tanto sonhara para Noviciado, para as estudantes e para os retiros...

Na segunda visita o médico falou de gastritis. Enfim na terceira visita o médico sentenciou: Meningite!...

Eu achava-me momentâneamente em Treviso, e Gina, a enfermeira, teve que avisar a doente que o médico aconselhava o hospital.

"A primeira preocupação da nossa virtuosa Irmã, ref re a enfermeira, não foi para si, mas para a obediência e a pobreza.

- Ah! não, Gina, sem a licença da Madre, não me mexo: são despesas, sabes! Mas à minha ordem não disse palavra e nem percebi, não

obstante a observasse atentamente, sombra de turbamento em seu rosto.

Chegou entretanto a auto-ambulância. Com suma calma pediu-me lhe mandasse lavar os pés para a sagrada Unção dos doentes, e sorridente colocou-se na padiola.

Na porta da casa reunira-se um grupo de curiosos: algumas mulheres, soldados, crianças: as crianças do Patronato que com Olga haviam começado a preparação para a primeira Comunhão. Ouviu palavras de afetuosa compaixão : "Pobrezinha! Pobrezinha!...

Ao entrar no Hospital, percebeu a ordem do porteiro: "Para o isolamento!" e certamente compreendeu.

Ah! aquela primeira noite!... Apenas murmurou *Sim*;... um *Sim* submisso, suave, a intervalos sempre mais breves. Era o *Sim* de toda si mesma ao Senhor, porque a natureza não queria a meningite, e claramente percebia que não se tratava de outra doença.

Quando a Virgem Maria pronunciou o seu *Sim*, o Amor transformante a transformou por completo.

Nas pequenas criaturas que o repetem de todo coração, Deus opera uma transformação

da própria vontade na vontade divina, por meio de uma disposição amorosa e constante de total abandono ao seu divino beneplácito.

Eu cheguei angustiada!

O ardente desejo de prepará-la a consumir o sacrifício da vida, como a verdadeira Filha da Igreja, tornava-me insensível a qualquer outra coisa, e sentia-me aliviada de imenso pêsso, quando pude dizer-lhe: - Olga, Jesus te faz um grande presente; tens a meningite!

Sorriu-me muito calma. Já o havia percebido. Sabia-o.

- Mas Nossa Senhora pode curar-te, Olga, a suplicaremos. Deixa para mim todo pensamento, o pensamento mesmo do Juízo de Deus. Sabes que os pequenos não são julgados!

- Sim, Madre!

O nosso Cardeal, avisado logo, estimulou-nos a pedir a graça!

- Que sentes em teu interior, Olga? perguntou-lhe, Gina. Que Nossa Senhora te atenderá?

- Não sei de nada, respondeu sorridente, eu não devo pensar em coisa nenhuma.

Em outra noite, Elisa de Jesus, que a vigiava, tinha recebido ordem de não falar e suplicava Nossa Senhora se dignasse sugerir uma lembrança para ela à Irmã doente.

Acordando de repente, a doente murmurou em voz baixa:

- Sei que tu queres uma lembrança; quero mesmo ta dar. Nunca acrescentes "rabinhos" (codette) à obediência. Se soubesses como se vêem diferentemente as coisas daqui desta cama.

Gina também queria um testamento:

- Obediência sem "rabinhos", respondeu; e com o polegar fazendo uma pequena cruz na frente, nos lábios e sôbre o coração, acompanhou o gesto dizendo:

- A obediência da mente que honra o Pai, a obediência dos lábios e das obras que honra o Verbo e a obediência do coração que honra o Espírito Santo"; e com ardor resumia a última leitura de "*Mater Christi*".

Mas eu logo percebi que com a pavorosa doença, acolhida como uma grande graça, Olga tinha recebido uma infusão extraordinária de Fôrça na obediência e no abandono ao beneplácito do Senhor, pois, a sua virtude normal não podia explicar tanto vigor, se é verdade o que diz o autor da "Imitação", que poucos tornam-se melhores na doença".

- Como é, Olga, que obedeces tão bem?

- E' uma graça, Madre; e me resumiu em breves palavras o que havia confiado às Irmãs, uns vinte dias antes:

- Li no Batisti que quando uma alma resiste a Deus e Deus a quer a todo custo, toca-lhe o niervo como fêz com Jáco... e eu o supliquei de me domar do mesmo modo.

Era mesmo o último golpe libertador de Deus, acompanhado por uma infusão inicial de Amor transformante que a tornou capaz de sofrer como tanto havia desejado, e lhe imprimiu no rosto a calma dos Santos.

A «PURA DOR»

Santo, segundo uma interpretação da Idade Média, significaria "*tingido de sangue*", por que resultaria da contração das suas palavras: "*Sanguine Tinctus*": Sanctus.

O Santo é um imolado a Deus pela salvação dos homens numa luta contínua contra os inimigos de Deus e dos homens; a isto se reduz toda a sua vida até o último combate.

Olga numa calma que era já o comêço da vida eterna, dispôs-se a dar *sangue por sangue*; acometida na sede mesma dos nervos, o cérebro, acolheu uma a uma as dôres que a ameaçavam, como Jesus acolheu o suceder-se dos mistérios dolorosos.

Notou a primeira no pescoço que ia se tornando sempre mais rígrado.

- Ofereço-a a Nossa Senhora que é o Colo do Corpo Místico, exclamou após um doloroso apêrto que a deixou meio-morta.

Aumentaram depois as dôres de cabeça.

- E a tua cabeça, Olga, doe muito?

- Parece que vai rachar, respondeu-me: mas estou pensando nos pobres soldados feridos no

cérebro. Pobrezinhos! Para êles ofereço o meu sofrimento.

Os espasmos espalharam-se pelo torax. Gina encoraja-a, lembrando-lhe a nossa missão particular.

- Minha Gina, minha Gina, exclamou sufocando um grito.

- Que grande graça todo êste sofrer! Que graça! Que graça! Que graça!

No excesso das dôres invocava Nossa Senhora com a sua habitual invocação:

- Mãe querida! Mãe querida!

- Minha Mãe! Minha esperança!

Ou suspirava:

- Passio Christi conforta me!...

- Meu Jesus, misericórdia!

Num momento de calma, surpreendeu as Irmãs com os olhos cheios de lágrimas: então murmurou com sorriso:

- Bobinhas (pazzerelle), porque chorais? Não é nossa vocação sofrer?

Eu sabia quanto Olga estava convencida, e por isto, quando o médico declarou a meningite tubercular e nos tirou tôda esperança, declarei-lhe tudo com franqueza e verdade. Os caridosos médicos iludiram-na; e a natureza que desejava viver, retomava o brio.

Madre, disse tôda alegre, roubei o Óleo Santo.

- Não, Olga, só um milagre pode curar-te e nos o pediremos a Nossa Senhora; mas a tua doença é grave e terás que sofrer tanto, tanto pela Igreja e pelo mundo.

O brio natural então se transformou em calma sobrenatural, e a heroica filha aceitou novamente o seu calice:

- Sim, Madre! Estou contente, Madre! Reze só para que Jesus me dê a fôrça.

E Jesus a fôrça lha prodigava. Todos podiam testemunhá-lo: médicos, parentes, enfermeiros, nós...!

Numa hora de espasmos, da varanda viu aproximar-se a mãe, a irmã e o irmão e pediu a Gina suplicasse Nossa Senhora quisesse suspender-lhe as dôres para alívio dos parentes. Momentos depois, com um esforço supremo, conseguiu entretê-los muito alegremente, lembrando os recreios barulhentos das Filhas da Igreja. Às Irmãs parecia excessivo aquêlê seu tagarelar, que manifestava os segredos de família.

- Faça-o, segredou aos ouvidos de Gina, para que mamãe não tenha a impressão de que estou tão mal. - E continuou naquele tom, mordendo de vez em quando os lábios pelo esforço, até que todos os seus familiares se afastaram.

Nos breves intervalos entre um vômito e outro, esquecendo a si mesma, interessava-se por tôdas as irmãs.

- Gina, como estás?
- Rosita, tens notícias do papai?
- Rosário, vão bem os teus?
- Gina, Maria, Elisa, Josefina... Descansai; não preciso de nada.

- Alguma vez, para contentá-la, refere-nos Josefina da Imaculada, fingia dormir e percebia que com grandes esforços virava-se e arrumava;e sòzinha. Se eu me apressava para ajudá-la, suplicava-me de deixá-la tranqüila; e devia ceder para não fazê-la sofrer ainda mais".

Uma jovem enfermeira compadecia-se dela pelos seus grandes sofrimentos:

- Sei o que quer dizer ver-se constrangida a ficar de cama, quando se vê que há tanto bem para fazer. Experimentei-o o ano passado com o tifo!"

Olga, admirada, olhou-a e disse:

- Mas tu podias fazer um bem maior lá na cama, do que com tôda a tua atividade.

- Compreendo, continuou a enfermeira, pode-se raciocinar assim a respeito das anciãs: mas sentir-se jovens, cheias de vida, e ver-se condenadas à inação, quando há tanto para fazer!...

Olga olhou-me novamente, pasmada, e permitiu-se acrescentar, interrompendo a palestra:

- Mas o sofrimento vale mais!...

Mas logo que se encontrou comigo, sòzinha, concluiu desiludida:

- Não pensam, não, como nós!

Verdadeira Filha da Igreja, ela pensava que na ordem atual da Redenção, o sofrer com Jesus Crucificado, em eficácia apostólica ganha tôda outra atividade de apostolado, e que um pouco de "pura dor", como um pouco "de puro amor", é mais precioso aos olhos de Deus e para o bem da mesma alma, e traz maiores vantagens à Igreja, que tôdas as outras obras reunidas, ainda que pareça que a alma nada faça (S. João da Cruz).

- A doença é o que falta à Paixão de Jesus, minhas filhas. Havemos de aceitá-la em beneficio da Santa Igreja que é o Corpo Místico de Cristo. E' a "sua hora" que se vai prolongando sôbre a terra. Diremos talvez: "Paì, preserva-me desta hora?" Não, é para esta hora que viemos.

Olga trabalhou, ensinou e cansou-se como Jesus na expectativa "desta hora"; para esta hora se fêz Filha da Igreja e quis vivê-la na obediência, sem queixas, sem mitigações arbitrárias, sem desejos inúteis.

- Olga, faz um esfôrço para fechar um pouco as palpebras, experimenta a ficar calma um momento, disse-lhe em tom de exortação e não de ordem, com a esperança de ajudá-la a

procurar-se um momento de descanso. E saí. Mas logo me chamaram com urgência. Entregue a seus dolorosos espasmos a Filha não queria desobedecer e lutava com as pálpebras que não queriam ficar fechadas. Percebi o esforço angustioso; então dei-lhe a obediência de se mexer e queixar como as crianças.

- Assim sentirás algum alívio, minha filha, e ganharás mérito.

Tive que adotar o mesmo método a respeito do pouquinho que podia tomar, e então me pediu cidra e espumante.

- Nada mais resta a fazer senão aliviar-lhe os sofrimentos, já tinha sentenciado o médico. E era bem justo lhe procurássemos todos os alívios e ela que não teria recusado o fel nem o vinagre.

No intuito de aliviar-lhe os sofrimentos espirituais, que julgava incríveis, mandei vir o Revdo. Padre Professor que a conhecia desde o início da Obra.

- Por que, Madre? - perguntou-me com muita calma, mostrando-se muito grata pela minha solicitude. - Para mim basta o Capelão do Hospital.

O seu único alívio era a oração.

- - Josefina, reza comigo uma Ave Maria em voz alta... - Os rurnores do mundo iam sempre mais enfraquecendo.

- Ave Maria, gratia plena...

Josefina respondeu comovida:

- Sancta Maria, Mater Dei...

- Regina Apostolorum, ora pro nobis, -
acrescentou a doente sempre mais longe da
terra.

- Olga! Salus infirmorum... sugeriu-lhe
Josefina.

Não, não queria mais invocar a sua Mãe
Celeste com esta invocação, porque "tinha
chegado a sua hora e para esta hora ela tinha
vindo".

O grande Crucifixo milagroso exposto no
solene Triduo que precedeu, estava para sair da
Catedral e ser levado em procissão pela cidade,
e na sua passagem todos esperavam graças.

Olga purificada, inebriada e fortalecida por
três Sacramentos e de novo consagrada ao
Coração Imaculado de Maria, havia renovado
os votos religiosos. O cordeirinho estava
cândido, vigoroso e pronto para ser imolado.

- Olga, queres oferecer-te a Jesus pela
santificação dos sacerdotes, pela união dos
crentes, para que nós também sejámos uma só
coisa e o Amor do Pai esteja em nós e Jesus viva
em todos?

Uma a uma as ânsias infinitas do Coração
divino dilatavam-lhe as pupilas e o coração.
Quantas vezes havia meditado-as na oração, nas

Horas-Santas noturnas, nos Retiros das primeiras Sexta-feiras... Retiros que com tanto empenho se tinha esforçado por torná-los mais íntimos e atraentes, a fim de facilitar as Irmãs jovens a compenetração do mistério de amor, latente naquele Coração que tanto amou os homens. Para fazer seus aquêles ardentes desejos do Divino Coração, ela pediu a Nossa Senhora um coração semelhante ao Coração Santíssimo de Jesus. E agora o seu coração era mesmo manso e humilde como aquêle Divino Coração.

Olga elevou e fixou os seus grandes olhos no céu e com a mente sempre perfeitamente lúcida acompanhou o ato que a consagrava vítima imolada na cruz:

"Pai Santo, Jesus santificou a si mesmo para os seus sacerdotes e todos os que pela palavra dos mesmos acreditassem Nêle fôsem também santos. Nós nos unimos com voto ao seu estado e às suas intenções de Vítima.

Consumai-nos nesta Unidade e fazei o nosso coração semelhante ao Seu, a fim de que como Êle possamos sofrer e morrer pela Igreja e pelo mundo".

Os três pregos da crucifixão foram as três puncturas lombares feitas uma após outra, por causa das incertezas relativas aos sintomas da

meningite cérebro-espinhal e tubercular, uma curável e a outra incurável. Olga, qual manso cordeirinho, deixou-se pungir e "não abriu a bica".

- Valente eu, mais valente a senhora, disse o médico após a primeira injeção.

Não disse palavra; não teve o mínimo movimento; somente os olhos, em atitude de súplica, cobriram-se de lágrimas, olhando para mim e procurando o céu.

A segunda punctura feriu-lhe certamente algum nervo motor; pois foi logo depois tomada por violentas contorsões horripilantes, que me representavam vivamente a crucifixão de Jesus como a descreve Catarina Emerich.

- Oh! Olga! Jesus te conforte. Olga! Olga! Tudo pela Igreja e pelo mundo!...

Nos intervalos sempre mais breves entre uma crise e outra, o rosto amedrontado tornava ao seu estado natural; e percebendo talvez que a lucidez e fôrça da mente iam diminuindo, as suas pupilas sempre mais se dilatavam, suspensas aos meus lábios.

O ato que maior vida ainda lhe infundia era esta conclusão da nossa oferta matutina: "Pela Igreja e pelo mundo", estribilho das Filhas da Igreja diante do pêso da virtude e do sofrimento. Um esforço de sorriso sempre mais vago, um

olhar sempre menos consciente voltado para o céu, eram a resposta quase automática, quando pontadas fulmíneas lhe transpassavam a cabeça.

Num momento de lucidez aquela pobre cabeça coroada de dor, fêz sinal que me aproximasse:

- Madre, ofereci-me pela senhora e pela Obra.
- Quando, minha filha?
- Em Ísquia, Madre.
- Sem a minha licença, Olga!
- Também Monsenhor me ralhou; mas já...
- Não, não: não vale, não vale...

A doente repetiu o ato de oferta inconsciente, em atitude habitual de vítima, já surda às minhas ressalvas e à minha dor.

Após a terceira injeção desmaiou.

Esta vez o ataque foi violentíssimo. O rosto alongava-se com sempre maior semelhança com o Vulto Santo de Cristo, o agitar e estender-se dos braços dava à sua pessoa o aspecto impressionante da Crucifixão.

Na impossibilidade de ajudá-la sentía-me desfalecer, e com certeza o percebeu, porque a ouvi sussurar:

- E' o dístico, Madre:

"Mãe de Jesus Amor, dai-me a tua dor!"

E eram mesmo as dôres de Jesus que se difundiam em todo o seu pobre ser e que lhe arrancaram o mesmo grito do Redentor:

- "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

Pouco depois, na passagem ao estado de inconsciência, teve o último sobressalto espasmodico, ergue-se sôbre a coluna vertebral, mais rija do que o madeiro da cruz, os olhos sulcados de sangue, o rosto lívido e desfigurado, e o paciente cordeirinho soltou um grito fortíssimo: o único em tôda a doença do "urro". Recaiu em seguida pesadamente em nossos braços e ficou imóvel na cama.

- O' meu Jesus Crucificado, exclamei eu também gemendo!

- Olga, tu és o meu Jesus Crucificado, disse mais forte soluçando.

Finalmente abriu os olhos, voltou a si, fixou-me atentamente e percebeu que chorava. A pobre mãe, que tanto lhe queria, já não podia mais...

- O' meu pequeno Jesus Crucificado, repeti rosto contra rosto, em tom compassivo.

- O' minha mamãe dolorosa, repetiu ainda com um fiozinho de voz e ainda me sorriu.

Olga desejava imensamente viver perto de mim e ter-me a seu lado na agonia. Pediu êste favor a Nossa Senhora e Nossa Senhora a atendeu.

Nos dois primeiros dias, isolamo-nos juntas.

- Sofro menos, Madre, quando a senhora está aqui.

Mas depois, por ordem dos médicos tive que deixá-la por algumas noites com as Irmãs.

Quando de manhã, da varanda me via aparecer inflamava-se-lhe o rosto de alegria e dispunha-se a descansar como uma criança.

Antes do delírio contemplava com delicada reserva a minha dor e se esterçava por me aliviar.

- Olga, que nos deixas como testamento? perguntou-lhe uma Irmã.

- Obediência, obediência, obediência!

- E à Madre?

- Amor.

O amor mais forte que a morte, porque a fôrça ordinária não me teria sido suficiente.

- Verá, Madre, quanta fôrça, hei de lhe dar! havia também prometido, apertando-me a mão, com aquêlê bonito sorriso, que de ordinário dissipava tôdas as minhas penas; e acrescentava como em tom de censura:

- Mãezinha (Mammuccia)!

Eu também devia ser uma "Menina de Jesus", uma "Mãezinha-Menina", abandonada à Vontade de Deus. Se a sua missão era de padecer e morrer como Jesus Crucificado, a minha era de

sacrificá-la como Nossa Senhora sacrificou o seu Jesus.

Mas eu resistia. Compreendia, sim, que pela Igreja, pelo Papa e pela nossa pequena Obra, ainda não bastante provada, Deus me pedia a imolação do meu único Isaac; esperava todavia que a mão de um Anjo sobreviesse milagrosamente para deter a minha...

- Madre, permita-me morrer! - pediu-me suspirando a pobre filha, após um violento ataque.

- Não, Olga - respondi-lhe: permito-te apenas sofrer.

Mas logo que a Vontade de Deus se manifestou claramente, não quis mais detê-la e imolei, como Nossa Senhora, a minha primogênita "pela Igreja e pelo mundo".

Os seus olhos, salpicados de sangue, olharam mudos por três dias: os três longos dias da agonia; e a espada da Virgem transpassou o meu coração como o Coração de Maria nas três horas eternas da agonia de Jesus na Cruz.

Os médicos, as Irmãs, e toda a família religiosa faziam coroa àquele pobre corpo que se ia destruindo como um círio no altar. Viviam eu toda ocupada daquela alma, que naquele estado de prostração, estava atravessando, com a inconsciência dos pequenos, as trevas assustadoras da morte. Tremia em pensar no que

me tinham dito da meningite, das cenas a que naquela repartição as Irmãs assistiam. O Senhor todavia me poupou a espada que também não transpassou o Coração da Mãe do Cordeiro Imaculado; e o nosso cordeirinho revelou até o extremo, reserva, pureza, obediência e caridade.

- Se devo mesmo me deixar tratar, - havia suplicado no início da doença, cuide de mim uma Irmã e uma só.

- E agora no delírio, com um gemido, experimentou impedir a obra da enfermeira que queria levantá-la com maior liberdade; pois já julgara tratar-se de um pobre corpo inerte.

O alívio tinha sido prescrito pelo médico e não podíamos omití-lo.

- Olga, gritei então em voz bem alta, pois desde a manhã parecia não tivesse mais algum conhecimento, nem mesmo da luz aproximada às suas pupilas. - Olga, sempre me obedeceste; por amor de Jesus obedece ainda. - O braço estendido num movimento de repulsa, caiu sôbre o peito numa atitude de descanso.

O seu estado de inconsciência de modo particular nos manifestou a sua grande ternura para conosco.

Oh! como bem compreendera esta boa Filha o mandamento do Senhor: "Amai-vos uns aos

outros como eu vos ameì". "Amai-ves como mãe ama seus filhinhos, porque eu vos ameì assim".

Olga, estamos aqui tôdas! As tuas Irmãs; Olga, a tua Madre!

Mas as suas pupilas já mais nada discerniam; os nossos apêlos já não chegavam mais aos seus ouvidos e ao seu coração; mas murmurava... queria... insistia...

- Prontas, estais tôdas aqui: a campanha tocou... Em ordem, vinde, é a festa da Madre... - Ligeiro; duas balas para cada uma e um pouco de tudo para cada Irmãzinha... - Caridade sobrenatural e natural como a Caridade do Coração de Jesus, feito Êle também de verdadeira Carne e de Eterno Amor, tôda inclinada para a consumação na Unidade, segundo o desejo daquele mesmo Coração.

Esta foi a finalidade de seus derradeiros esfôrços, em 25 de março, festa de Nossa Senhora, da Madre e da família; caiu em seguida exausta para não se levantar mais.

- Agora, em seus delírios, dava-se novamente a tôdas, esquecida de si mesma e brincava com a medalha de Nossa Senhora das Dôres como uma criança de poucos meses.

Uma noite Josefina a ouviu repetir baixinho por duas vêzes:

- Deus com a mente, o Verbo com a palavra e o Espírito Santo com o coração.

Se a Sma. Virgem, que ainda a dominava em seu delírio, tivesse vindo buscá-la delicadamente, como fazem as mães com seus filhinhos adormecidos, eu estava disposta a lha entregar, contanto que o seu passamento não fosse acompanhado de violentos choques.

Algo de celeste advertimos quer no crepúsculo da sua inteligência, quer no cessar da vida; tôdas com o sacerdote vimo-nos arrastadas em tórno do seu leito.

Já não ouvia quase nada; respondia por monossílabos, intermitente às Ladainhas dos Santos. Já tínhamos acabado as últimas orações da encomendação da alma; a fraca chamazinha parecia que, de momento para outro, ia apagar-se.

- Falta uma coisa, murmurou quase imperceptivelmente, olhos fechados.

Sempre nos entendemos mais por comunicação espiritual, que por simpatia natural; então eu soluçando entoei a "Salve Rainha".

O rosto da agonizante contraído pelo esforço do supremo desejo, acalmou-se; os lábios visivelmente seguiam a cadência do canto gregoriano, que se espalhou naquele lugar de dor como uma onda de consolação e se extinguiu com as últimas invocações, supremos

suspiros da filha êxule, para com a Mãe de Deus, já entrevista na Pátria...

E não se reanimaram mais.

Não quis deixá-la morrer lá. Não pude abandonar aquêlo corpo virginal, que tanto se cansara e estragara nas longas horas de adoração eucarísticas, num quarto qualquer mortuário, longe do seu tabernáculo, longe de Nossa Senhora do Sorriso; com o consentimento dos médicos dei ordem para que a doente fôsse transportada à nossa nova casa "*Mater Christi*", na rua Carducci.

Tudo estava ainda em desordem; mas na capela erguera-se com urgência um altar para a primeira santa Missa, e na enfermaria um outro altazinho para o último encontro de Olga com o Viático de Amor.

Naquele Sabado, 10 de Abril, celebrava-se a festa de Bem-aventurada Madalena de Canossa; e depois de comoventes cerimônias, pela última vez ainda, quisemos fazer violência ao céu para alcançar o milagre.

A cara imagem da Bem-aventurada, contemplando a Virgem Dolorosa resplandecia entre os círios acesos. Olga, até aquêlo instante imóvel, levantou devagar a cabeça, abriu os olhos, estendeu o braço direito para aquela luz deslumbrante e sorriu.

Foi o seu último olhar, o seu último sorriso.

Coloquei-lhe então entre os dedos da mão direita uma imagenzinha de Nossa Senhora benta muitas vezes pelo Santo Padre; a agonizante pareceu não perceber. Todavia a conservou apertada contra o peito todo aquele dia, e o dia seguinte, até a morte; para conservar a preciosa lembrança vímo-nos obrigados, para lhe tirar a desapertar com fôrça os dedos já rígidos.

O rosto impressionante da querida vítima, o pobre corpo "laborans in extremo agone" lembravam-nos os lamentos proféticos aplicados ao Divino Paciente: "As dôres da morte me circundaram... , os vagalhões penetraram no íntimo de minha alma. "Vim a dar em águas profundas, encobriram-me as ondas". - Mas a pequena naufraga, naquele mar de amarguras, estava agarrada a Maria, a Âncora da Salvação; e aí certamente stava Maria, à espera para apertá-la contra o seu Coração para sempre.

Como a Virgem Santíssima, a Igreja também lhe esteve sempre ao lado, mais terna do que uma mãe, na hora em que esta sua filha sofria e morria por ela.

Cada dia o sacerdote trouxe-lhe o seu Amor Sacramentado, no fim já em tênue fragmento, espiando, com o Divino Pão dos viajores entre

os dedos, um vislumbre de conhecimento, para lho dar.

Administrou-lhe o Sacramento da Unção Sagrada com o seu divino alívio, ainda quando em condição de compreender os efeitos fortificantes daquele Óleo sagrado, que corrobora o templo de Deus, doce compensação aos ardores com que a fervorosa Filha da Igreja sempre participava da Consagração dos Santos Óleos na Quinta-Feira Santa e a Consagração dos Ungidos do Senhor nos Sábados de Quatro Temporas.

As absolvições, de que era tão ávida durante a vida, purificaram-lhe freqüentes vêzes a alma no Sangue Redentor; e os Sacramentais, como bênçãos, aspersões com muitas orações foram-lhe prodigalizados com assidua freqüência. A Igreja sempre lhe esteve ao lado, pródiga de seus Dons divinos e de seus preciosos confortos.

Visitou-a paternalmente o Revmo. Arcipreste de Mestre, que saiu do hospital muito edificado.

Sua Eminência o Cardeal Patriarca, com solícitas bênçãos e promessas de orações, enviou a Reliquia de Santa Teresinha, na esperança de conservar ainda para a Igreja Militante a fervorosa apóstolo.

O Santo Padre, lá do Vaticano, para onde as Filhas da Igreja, em suas vísitas a São Pedro,

havia fixados tantas vezes seus olhares e seus corações com tanto amor, levantou também o seu braço para abençoar a filha agonizante, que no Coração do Chefe da Igreja desejava ser o amor. A comunicação nos chegou telegraficamente só depois da morte.

As figuras mais santas e veneradas desfiliavam em sua fantasia, portadoras de conforto, mas desapareciam nas névoas da sua memória, impressionada pela nossa presença mais sensível e viva, aí perto do seu leito e do seu coração. Em seguida, esta também se dissipou. Apenas a minha voz conseguiu despertar a extrema ressonância da sua:

- Ah! Madre!

A pequena família ficou lá, em oração, na contemplação ora de Jesus, oculto no seu Sacramento de Amor, ora de Jesus oculto nesta sua imagem de dor.

"Meu caro Jesus, tinha ela escrito em seu caderninho de Notas, quanto me sentiria feliz, se gravásseis em mim a imagem de vossas dôres".

Agora o seu rosto com as pálpebras fechadas, a momentos de aspecto cadavérico, a outros momentos avermelhado e delicadamente emoldurado na coroa de seus cabelos crespos, assemelhava-se de modo impressionante com Vulto Santo, "transfigurado pela dor na prensa do amor" (Notas).

Sem serem chamados, vieram pressurosos os médicos, e demoraram-se longamente pensativos em contemplá-la.

Vieram as Irmãs, os parentes, a pobre mãe; e na capela se reuniram estudantes, meninos, crianças, para segurá-la ainda na terra com suas preces.

O dia seguinte, Domingo da Paixão, nas pobres igrejas desapareceram as imagens do Crucificado sob os véus roxos; e nós, pequeno Grupo da Piedade, contemplámo-lo ainda morrente, até noite avançada, nesta sua viva imagem.

O sacerdote, fiel como São João ao pé da Cruz, não a deixou um instante, e as orações dos agonizantes terminavam-se para recomeçarem-se: súplicas cheias de confiança da Igreja Militante à Igreja Triunfante; pois esta só podia socorrer e sustentar a pequena alma naquele instante do qual depende a eternidade.

Instante que se revelava sempre mais iminente. Entoei então as Ladainhas de Nossa Senhora:

Sancta Maria!
Mater Admirabilis!
Regina Angelorum!

A respiração tornara-se afanosa, flebil, intermitente.

"Maria, Mater Gratiae, Mater Misericordiae, Tu nos ab hoste protege et mortis hora suscipe".

O suor gelava-lhe a fronte.

*Cor Jesu, Salus in Te sperantium,
Cor Jesu, Spes in Te morientium.*

Duas lágrimas, as primeiras e as últimas em tantos sofrimentos, foram o sinal que estava o fim. Aproximava-se o Amor.

*Salve, Rainha... Jesum benedictum fructum
ventris tui nobis post hoc exilium ostende...*

Mais um suspiro... o último!

- Jesus, Maria!

Jesus e Maria estavam la conosco. A flor roxa da Paixão, num instante mudou de cor, como num êxtase repentino; e depois do "De profundis", entoei o *Magnificat* pois grande era a paz que se difundiu em todo o ambiente.

«MATER ADMIRÁBILIS»

Olga estava em seus 33 anos.

O corpo virginal, arrumado na simplicidade do seu hábito branco, foi logo deposto diante do Santíssimo Sacramento, no mesmo lugar onde passava as horas mais belas de sua vida e gozava delícias desconhecidas a quem não ama o Senhor.

Quantas vêzes a surpreendi aí com o rosto inflamado e os olhos resplandecentes e iluminados de lágrimas, ávida de "submergir-se *Nêle* como uma gota de água no mar, de maneira que nenhuma criatura a pudesse nunca descobrir" (Suas Notas). E agora o seu coração estava absorto em Deus, e o corpo com os sinais de sua paixão, insensível a qualquer coisa criada, descansava em paz!

Que paz profunda!

A paz difundia-se no Tabernáculo de Nossa Senhora do Sorriso, do seu rosto céreo levemente inclinado, como que em adoração. As mãos postas sôbre o peito segurava a coroa do Rosário e um raminho de oliveira, que no Domingo de Ramos do ano anterior, havia agitado com os meninos do povo, para festejar Nosso Senhor.

Ao raiar da aurora, celebrou-se a primeira Missa e em seguida mais outras. A Santa Igreja continuou a prodigalizar-se maternalmente; e a sensação de paz comunicou-se aos sacerdotes, às Irmãs, às estudantes, às crianças e até aos pequenos maltrapilhos vadios, rebeldes à tôda disciplina.

Quem entrava na capela, inundada de uma luz calma e celestial, parava na entrada, adorava ajoelhando-se, e logo se proximava do nosso Lírio todo fechado no seu candor e sentia-se tomado por uma doce impressão de paz.

As crianças não só não tinham medo, mas era necessário afastá-las com suave violência, para deixar lugar a todos.

- Mamãe, vi a Irmã Olga, contava um pequeno, todo jubiloso, aos seus caros!

- Ah! sim; e que fazia?

- Sorria a Jesus.

Na "Agenda" Olga tinha copiado: "Quem habitualmente vive unido a Deus e tudo faz segundo as suas santas inspirações, *necessariamente*, sem mesmo êle perceber, torna-se modelo vivo para aquêles que o rodeiam; pois, tãcitamente lhes diz: imitai-me, como eu imito a Cristo".

E' o que Olga continuava a repetir também morta; seu cadáver continuava a desempenhar o

ofício de Filha da Igreja, raminho de paz na Mesa do Senhor.

Cadáver imóvel, manifestava ainda o hábito de recolhimento e de introspecção em si mesma, contraído com tantos esforços de sua alma virtuosa; parecia estar atenta a palavras misteriosas, ou a inefáveis melodias.

Os seus desejos, confiados em seus caderninhos de notas, estavam agora completamente satisfeitos:

"Que eu viva com a alma silenciosa e recolhida para escutar as palavras de vida que sobem suaves do íntimo do meu ser, onde Vós residis".

"Que a Virgem Santíssima Nossa Senhora estabeleça em meu coração bastante silêncio e bastante espírito de adoração, a fim de que eu possa gozar algumas gotinhas ao menos daquela inefável alegria que sacia celestialmente anjos e homens" (La Pira).

Terça-Feira da Paixão, chegou o pobre caixãozinho de abeto; sentimos então profundamente que se separava de nós não um corpo inânime, mas uma pequena "turrís ebúrnea" fundada na paz, na qual se tinha estabelecido o reino de Deus, que é Paz e Alegria no Espírito Santo. Nêle acomodei o caro deposito. Confiei-o aos Anjos da Ressurreição e à Santa Igreja Nossa Mãe, que

em delicadeza para com os corpos de seus filhos predestinados vence tôdas as mães.

Os funerais foram quanto mais pobres e ricos era possível desejar: pobre a caixa, poucas flôres, alguns círios; mas todos os sacerdotes da cidade e mais dois de Treviso estavam presentes; istavam presentes tôdas as representações das famílias religiosas com suas alunas, a juventude e a infância que viviam em nossas pequenas casas; e na frente com a cruz precedia um grupo de pequenos esfarrapados sem teto.

Quem havia anunciado a morte? Quem havia chamado aquêle pobre povinho de São Juliano, que dista da cidade uns cinco quilômetros?

Na Catedral de Mestre, onde Olga caíra nos braços da cruz, rezaram-se três Missas; em seguida o branco cortêjo de pequenos encaminhou-se para o cemitério.

Os quatro palmos de terra, a que têm direito até os mais miseráveis, não estavam ainda indicados para a Filha da Igreja; para determiná-los e abrir a cova foi necessário tempo; e assim pudemos ainda rezar o Santo Rosário, que Olga tinha rezado, meditado e propagado com zêlo filial, como por ordem direta da Mãe de Deus.

Caixa, crianças e flôres tudo se confundia num só candor; e os anjos da terra faziam

pensar nos Anjos do céu. A pequena apoteose mitigava também na paz a nossa dor.

Ao terminarem a cova, as Filhas da Igreja, con suas mãos levantaram novamente o suave pêso e o colocaram delicadamente na terra.

- *De profundis...* entoou o sacerdote.

- *Laudate, pueri, Dominum*, entoei eu logo depois.

- *Magnificat anima mea Dominum... quia respexit humilitatem ancillae suae...*

Assim desapareceu humildemente, pequena entre os pequenos, ainda não religiosa por entre as fossas das religiosas, ainda não juridicamente Filha da Igreja aquela que o foi até no fundo da alma, com a mais completa entrega de si mesma do que qualquer outra.

Foi êste o fio que mais lhe custou a cortar: pois era o mais legítimo e santo e o cortou gemendo, só quando mesmo estava já certa da morte.

- Ah! Gina, eu morro e a aprovação virá depois!...

Assim a alma havia-se desapegado de tudo; e a incisão na cruz de seu túmulo lembra a Filha da Igreja enxertada em Cristo pelo Batismo.

- Tudo tem apenas valor de meio, minhas filhas, repetia eu nas instruções; é o fim que vale, e o Fim é o Amor.

E Olga vivia no Amor antes de nós, ainda êxules na terra, e quem sabe por quanto tempo longe da Patria!

As coisas da terra, mesmo as mais santas, apareciam-lhe já, em sua efêmera realidade, como imagens, enigmas, mistérios, como bens e meios transitórios e contingentes. - Ah! Olga não teria voltado a "*Mater Christi*", perto do Tabernáculo amado, entre as Irmãs, com sua Madre! A eternidade era mais segura! Mais bela lá no Céu a Virgem Maria; Deus contemplado face a face era verdadeiramente o Amor!

Voltamos a "*Mater Christi*"; mas uma necessidade imensa do Céu se fazia sentir em nosso íntimo; e os mesmos pequenos esfarrapados, esquecidos da sopa, voltaram silenciosos a São Juliano.

* * *

Morreu humilde de coração como a pequena Teresa.

A aceitação, por parte de Deus, da sua oferta, desmentiu a previsão de Maria de Jesus Crucificado, que assim a considerava: "Esta será a alma que, depois de purificada pela dor, lavada no meu Sangue, tomará a Obra em suas mãos".

- Que nada das profecias de Maria de Jesus! disse sorrindo a Gina que a assistia, - eu no entanto morro!

No dia seguinte ao retorno de Olga a Deus, Sua Eminência o Cardeal Patriarca veio nos visitar paternalmente. Depois de compadecido o desabafo de minha dor:

- E' uma flor da Paixão! disse-me e me ordenou de recolher as memórias da sua breve vida para edificação de suas amadas Irmãs.

- Fiquei surpreendida e perplexa. Lembrei-lhe como os nossos primeiros Estatutos ordenavam de nada escrever de nós e nem da nossa Obra, e de vivermos ocultas com Cristo em Deus".

- Mas êle havia resolutamente suprimido êste parágrafo de nossas Constituições, e com Olga nós nos tínhamos resignado, pensando nas palavras de S. Rafael: "E' bom esconder o segredo do rei; mas é digno de louvor revelar e publicar as misericórdias do Senhor".

Recentemente também, o Bispo de Ísquia pediu-me escrevesse a biografia de Olga, para edificação de todos.

- Desejaria que a senhora escrevesse a biografia daquele anjo de bondade que foi a Irmã Olga, sua filha em Jesus Cristo, falecida em conceito de santidade. Quanto bem poderia fazer entre as jovens!

A humilde filha não foi tentada nem sequer de pensá-lo.

Ânimo, Olga! Esforça-te por sarar, disse-lhe Gina nos primeiros dias da doença. Ao menos um pouco tu ajudavas a Madre.

A doente fechou os olhos, aprofundando-se no seu nada:

- Não, não, Gina! Respondeu. Vejo diante de Deus que fui um pêso para a Madre e para a Obra.

- Suportou-me até demais! A Obra perdendo-me, perde apenas um pêso.

Mas a sua caridade mais forte do que a sua própria humildade, antes da separação arrancou-lhe esta consoladora promessa:

- Farei como a pequena Teresa.

"Eu sinto que estou para entrar no descanso - escreve a pequena Santa- e principalmente sinto que a minha missão está para começar, a missão de fazer amar o bom Deus, como eu O amo, de ensinar às almas a minha pequena vereda. Se Deus atender aos meus desejos, passarei o meu céu na terra, até o fim do mundo.

Sim, eu quero passar o meu céu a fazer o bem sobre a terra. Isto não é impossível, porque no seio da visão beatífica os Anjos velam sobre nós. Eu não poderei gozar o meu descanso, enquanto houver uma alma para salvar; somente quando o Anjo disser: Não há mais tempo, então descansarei e poderei gozar, por que o número

dos eleitos estará completo e todos já entraram no gozo e no descanso".

Olga, como a pequena Teresa, não é inativa no Céu.

E nós percebemos logo que lá no seu novo estado de vida continua a auxiliar sobrenaturalmente a sua família, a sua pequena Obra, a Igreja. No coração de sua própria mãe age em profundidade. As cartas da senhora Gugelmo, em que sempre mais viva transparece a fé, manifestam-no com as mesmas expressões da filha: "Abraço efusivamente, escreve ela, a segunda Mãe da Olga, eu que indignamente e apenas em último lugar, sou apenas a terceira mãe dela".

"*Mater Christi*" santificada pelos seus sofrimentos, está florescendo como um jardinzinho de juventude. No noviciado, inspirados por ela, desabrocham de contínuo novos lírios.

A intimidade de nossa pequena família, sem nada perder de sua doçura, vai-se espiritualizando sempre mais, para que tendamos tôdas com desejos mais vivos para a intimidade que nos será dado gozar na morada celeste, onde tôdas nos encontraremos de novo com Olga.

Entre as notícias da sua última crônica, lemos também esta: "Talvez teremos uma sucursal em Mestre: *Mater Admirabilis*".

- Olga - disse-lhe eu - nos primeiros dias da doença, se Nossa Senhora fizer o milagre, tu serás a Superiora de *Mater Admirabilis*.

Sorriu, contente!

- Se, pelo contrário, fôres para o Céu, fundarás "Mater Admirabilis" lá no Céu, e nenhuma casinha sôbre a terra terá este nome.

Sorriu ainda mais satisfeita.

Nos intervalos de alívio, vimo-la frequentemente fixar seus olhos, além da varanda, no Céu brilhante; e a quem a convidava a sarar respondia: "Vou a Mater Admirabilis! a Mater Admirabilis!"

E agora lá da sua casinha celeste, onde reina a paz, Olga repete as co-Irmãs que deixou nesta terra de exílio, as recomendações que com tão fiel insistência ia repetindo, após as minhas instruções: "Desembaracêmo-nos também das coisas espintuais... Não devemos nos fechar em nossa casca e nem sequer na casca da nossa obra... Não desejemos nada... nem casas, nem Irmãs, nem superiores..."

A êsse sossêgo de todo desejo tinha chegado ela, que todavia tanto nos amava; e agora o Desejo das Colinas Eternas enche para sempre o seu coração.

- Irmã Olga, - perguntou-lhe Monsenhor o Arcipreste numa visita ao Hospital, - a senhora

está pronta a trabalhar ainda "non recusat laborem", mas está pronta também a ir ao Paraíso, não é verdade?

- Sim, Monsenhor, respondeu calma; para mim, ir ou ficar é a mesma coisa.

"Somos carne do Crucificado, adverte-nos São Leão Magno; e não ha tempo para perder nem sequer em satisfações espirituais, para quem quer salvar almas.

Olga nunca tinha achado tempo para pensar em si mesma e ocupar-se de si; numerosas demais eram as almas para salvar; e teria desejado ajudá-las tôdas.

- Por quem sofres, Olga?

- Pelo Santo Padre, respondia o mais frequentemente.

- Pelo nosso Cardeal.

- Pelos Bispos.

- Pela santidade dos sacerdotes.

- Pela união dos separados e dos unidos.

- Por aquela alma...! Madre.

- Pelos soldados, pobrezinhos!

- Pelas mães...

- Pelos pecadores...

- Pelos comunistas...

A pequena Filha da Igreja não queria esquecer ninguém, por que Jesus morreu por

todos; todos somos fibras sãs ou a sanar do mesmo Corpo Místico de Jesus, membros vivos ou para vivificar da Igreja.

Para chegar a todos a pequena Teresa elegeu o Amor que em seguida a consumiu na dor.

Olga procurou diretamente a dor, porque não há amor superior ao amor de "dar a própria vida por aquêle que amamos!"

Podia fazer tanto bem no mundo com o seu fogo, com seus dons de organização e de fácil e agradável comunicação, mas preferiu mortificá-los na vida de obediência, e entre as Irmãs fêz circular esta breve norma: "As Filhas da Igreja nem sequer o bem farão sem licença, porque sòmente quem obedece, trabalha com pureza para a Igreja".

Podia entrar numa Ordem claustral, em que acharia meios, auxílios e exemplos perfeitos de santidade. Preferiu em vez a nossa pequena Obra, que como programa de apostolado exige a aceitação do sofrimento "até a perda da saúde e da vida", à imitação e por amor de Jesus.

Tôdas as Congregações que se dedicam ao apostolado teriam-lhe aberto as portas. Mas Olga quis entrar em nossa pobre Obra, porque nas obras novas sofre-se mais; muito maiores são as privações, as humilhações, as incertezas, as fadigas.

E nem satisfeita com isso, nos exercícios espirituais de 1941, propôs-se o programa de sofrimentos voluntários, sugeridos por São João da Cruz às almas heróicas:

"Procurarei sempre tender:
não ao mais fácil, mas ao mais difícil;
não ao mais gostoso, mas ao mais insípido;
não ao descanso, mas à fadiga;
não ao mais, mas ao menos;
não a querer alguma coisa, mas a não querer nada..."

Tôdas podemos testemunhar que essas formas de renúncia eram a sua alegria; e disto não fazia segredo.

"Sabeis que nos chegaram vinte òrfazinhas internas? escreve ela a "Mater Puríssima".

- São de Mestre, ameaçada continuamente de bornbardeios. E nós... dormimos no chão. Que alegria!"

Faltava-lhe um modo de sofrer: a incompreensão das co-Irmãs e da Madre. Não podia aspirar ao desprezo: tôdas a estimavam!... nem ao esquecimento: tôdas lhe queriam profundamente! ...

Procurou abaixar-se e confundir-se com as outras; o que não era fácil em seu posto de

secretária, de braço direito da Madre, de propagandista entusiasta da obra; em parte todavia o conseguiu.

"O' meu Bom Jesus, escreve ela em suas Notas, ó minha boa Medianeira, ensina-me a desaparecer. Quero desaparecer mesmo quando tenho a obrigação de me mostrar. Minha Mãe querida, ensina-me a desaparecer a vosso exemplo".

A Virgem Santíssima atendeu-a e desvalorizou aos meus olhos o auxílio que eu tinha tanto reclamado. Olga era preciosa... mas tôdas as obras que iniciava, ruíam... O meu braço direito não levava a têrmo, não concluía nada... Em seus últimos dias fechou-se uma casa na qual mais nada havia a fazer e se abriu outra onde tudo está para fazer...

Êste foi o sacrifício que a fêz sofrer mais do que qualquer outro, como ela mesma confiou a Gina, quando se julgou atacada de gastrite.

- Sofri também anos atrás esta doença, por causa de um profundo desgosto moral; esta vez será a mesma coisa, porque o sofrimento por me ver tão vagarosa na prática da virtude (o que certamente faz muito sofrer a Madre), é tão grande que naturalmente há de rebentar alguma moléstia também no físico".

Assim ela desaparecia aos seus mesmos olhos; muitas páginas de seus sofrimentos nunca serão lidas na terra.

Mas Jesus lhe retribuiu tudo, logo depois da morte, satisfazendo os dois mais ardentes desejos de seu coração: fazer conhecer e amar a Igreja e fazer conhecer e amar Nossa Senhora: as Âncoras da salvação.

- Minhas Filhas, o Corpo físico de Jesus era a alegria de Maria; o Corpo Eucarístico é a nossa alegria; mas o seu Corpo Místico será a alegria do Pai Celeste, o retôrno da criação remida e santificada ao seu Coração.

- Madre, interrompia-me Olga entusiasmada, peçamos ao nosso Patriarca uma Pastoral sôbre a Igreja!...

- Madre, vamos escrever ao Nosso Santo Padre que lance uma Encíclica sôbre o Corpo Místico, sôbre o Colo Místico.

A Encíclica "Mistici Corporis" e o seu maravilhoso epílogo sôbre a Doce Mãe de Jesus e nossa, constituída o canal de tôdas as graças divinas e de tôdas as súplicas humanas, foi publicada pouco depois, na festa de São Pedro, e consolou-nos imensamente; pois apareceu-nos como uma confirmação celeste que a nossa "Flor da Paixão" era cara ao Senhor.

Assim, ao alvorecer deste século, quando Leão XIII consagrava o mundo ao Sagrado Coração de Jesus, falecia uma pequena Vítima, que para isto se havia imolado ao Senhor; e

Deus continua a satisfazer todos os desejos apostólicos da pequena Teresa que se havia oferecido ao seu Amor Misericordioso pela salvação dos irmãos.

Não pode ser de outro modo; pois "um pouco de pura dor" é uma pulsação do Preciosíssimo Sangue na humilde criatura, em que Jesus prolonga a sua Paixão e "traz à Igreja maior vantagem do que todas as outras obras em conjunto".

*Atestados elogiosos
sôbre a Serva de Deus
Irmã Olga da Mãe de Deus*

A) - *Monsenhor* *Ciro Scotti*, morto também em conceito de santidade, escreve à Superiora de Olga uma carta longa e elogiosa, que vai aqui resumida:

"A senhora viu morrer a pequena Filha da Igreja, que se tornou grande, consumando o holocausto de si mesma. A pequena grande Olga, crescida sob os olhares, ou melhor, nos braços de Jesus, foi feliz em dar a própria vida pela Obra, à qual havia consagrado tôda a sua atividade física, intelectual e moral. A senhora Madre sofreu em ver-se arrancar a boa filha; e pensou certamente que a morte de Olga havia de garantir a esta a felicidade eterna e às outras filhas uma proteção especial, uma poderosa intercessora.

Olga sofreu em separar-se de sua Madre e das co-Irmãs, mas sofreu com coragem heróica, com generosidade, porque passando da terra para o Céu pensava que poderia fazer ainda mais em benefício da santa Instituição das Filhas da Igreja.

*Mons. *Ciro Scotti*
5 - 5 - 1943*

* * *

Em resumo transcrevemos também aqui as impressões da jovem Ester que, com pormenores interessantes, nos descreve as suas relações com Irmã Olga:

"Não posso esquecer a boa e cara Irmã, que, poucos meses após a morte de minha mãe, o Bom Jesus pôs em meu caminho, como meu guia.

Vejo-me menina... As grandes salas do Ginásio, os rostos severos dos professôres e, acima de tudo, o ambiente tão diferente do ambiente de minha infância em família, causavam-me tanto medo... Não conseguia aprender o latim... Nestas condições, pela primeira vez, senti-me perto de um anjo; pois de um anjo possuía mesmo as virtudes...

Nunca tinha visto Irmãs, e, quando puxei a campainha da pobre casinha, o coração pulsava com violência pensando entre mim: "Como serão?... Que direi?... Será que me receberão bem?... Abriu-se a porta... e *Seja Louvado Jesus Cristo!*... disse uma Irmã vestida de branco... Parecia-me ver em seus olhos um brilho singular.

- Entra, menina! E assim dizendo pegou-me pela mão. Como te chamas? Vais a Escola? Oh! dize-me se queres tanto bem à Mamã Celeste, e se por amor de Jesus estas pronta a fazer tantas e tantas bonitas florzinhas! Eu olhava para ela, contente. As suas palavras calavam até no fundo de meu coração. Jámais ninguém me tinha falado assim.

- Entreguei-lhe uma carta a qual explicava o motivo de minha presença e logo começou a se ocupar de mim. Terminadas as aulas, dar-me-ia uma lição sôbre as matérias mais difíceis.

- Foi a primeira lição ...

Lição? O tempo voou; e quando fechei o livro, olhei-a como para dizer-lhe: Gostaria ficar sempre aqui. - Como se ela tivesse lido o meu pensamento, pôs-me uma mão na cabeça: "Queres ficar um pouco? Virás comigo à cozinha. Far-me-ás conhecer um pouco o teu dialeto e eu te falarei em vêneto.

- Segui-a voando... Fêz-me sentar a seu lado; quis lhe contasse alguma coisa de minha vida, de meus irmãozinhos, da morte da mãe... E fui contando sem cansar e ela escutava sorrindo... Mas de súbito fêz-se muito séria... mas só por um momentinho; tinha eu dito que ia cada dia ao mar (era verão) onde ficava por diversas horas, lendo algum livro, que as companheiras me emprestavam. Terminada a minha conversa, acompanhou-me até a porta.

- Escuta, disse-me maternalmente, serás capaz amanhã de não ler, quando fôres ao mar e de me trazer o livro quando voltares aqui depois de meio-dia?

Sem hesitar e espontâneamente respondi: "Sim!"

- Fico contente, sim, da tua promessa!... Até amanhã!...

Quando sai no portão, ela fechou a porta!

Voltando para casa eu pensava comigo mesma: como é boa, como é bela!... Fala tão bem! Amanhã não só não quero ler, mas nem tomarei banho! Eram os propósitos que ia formando, desejosa de deixar contente aquela Irmãzinha tôda vestida de branco e que todos olhavam exclamando: "Mas que rosto de santinhas têm estas monjinhas!" (ma ch' faccia i santarelle tenene st' munacelle!).

O dia seguinte, voltei sem mêdo; estava certa de que Olga me receberia maternalmente. - E foi assim! Mostrei-lhe o livro, que ela olhou sèriamente...

- Ester, debes prometer-me que nunca mais o lerás: não é para ti.

Eram assuntos de películas cinematográficas.

- Olha bem, quero que te tornes boa, como era boa tua mãe. Se ela estivesse aqui, dir-te-ia o que eu te digo: deves escutar-me como se fôsse a mamãe mesma.

Mais ainda, apenas adolescente, a natureza não queria ceder tão fãcilmente.

...eu frequentava sempre mais aquela casinha de paz e de sorriso e Olga continuava comigo a sua missão de formação cristã...

Mas já não estava mais sòzinha a aproveitar das belas lições de Olga. Para todos se havia tornado um anjo consolador, portador de luz nas trevas, de sustento e fôrça nas lutas. Desde as primeiras horas da manhã até às últimas horas do dia, na pobre casinha sempre havia jovens e:

"Onde está Olga? Irmã Olga, venha! Venha, Irmã Olga! gritava-se quando não a víamos comparecer à nossa gritaria... E ela chegava feliz e sorridente; deixava transparecer uma alegria celeste.

- Meninas, vamos, preparemos o Rosário vivo para o mês de maio... Vamos à capela para dizer a Jesus que lhe queremos bem...

- Era um manancial vivo donde jorrava amor para o seu Jesus... Nós a escutávamos, prontas para tôdas as suas iniciativas. Traquina como eu era, a queria tôda para mim; e por meio de manobras entre as senhoritas mais velhas, que

deviam cansa-la com seu infinito tagarelar, conseguia chegar perto dela.

- Minha mãe, que lenga-lenga (*che lagne*). Irmã Olga, deve estar muito cansada de escutar-vos!!

As senhoritas olhavam-me carrancudas...

Mas Olga sorria, e acariciando-me, dizia-me suavemente:

- Sê boazinha, Ester! Não sejas má. - E continuava a escutar as intermináveis e enfadonhas palestras. Nas tardes de verão saíamos com ela em busca de meninos pobres, abandonatos, sujos e ignorantes. Chegando ao pinhalzinho, dava-nos catecismo... - Com seu vestido branco, com seu sorriso sempre o mesmo, parecia uma visão do Céu. Depois jogávamos e, no jôgo, Olga tornava-se menina ainda mais do que os meninos: rodas, pulos, corridas, tudo executava com perícia e desenvoltura incrível. Enfim, tudo acabava com um grande coral, na melodia de *Santa Lucia*, mas com as palavras em dialeto napolitano:

Goppa st' isula bella
verde e profumata
songh' venut i cas i munacelli...
tutt' vestut! bianche giovane e tantu belle
che songh' a gioia i tanta figuelle...

De Olga aprendi a amar os pobres; para os pobres ela tinha ternuras maternais; acolhia-os com comovente caridade e para êles reservava as melhores coisas. Ao receber dos benfeitores algumas esmolas, algum presente, logo dizia:

- Isto é para os meus "Jesus"!

Interessante é a historia de "Pasquarella". Era Pasquerella uma velhinha solitária e de ordinário muito suja.

- Hoje vem Pasquarella; vamos preparar-lhe uma saia limpa e lhe arrumaremos o vestido.

E Pasquarella chegava, certa de ser recebida carinhosamente. Como tôdas as velhinhas napolitanas, quando Olga ia-lhe ao encontro, tomava-lhe a mão e a beijava: e chorava de alegria, dizendo: "A Madonna vadda benericer... io preghero semp' pe' vui. Site a nostra consulazione! (Nossa Senhora vos abençõe... rezarei sempre por vos. Sois a nossa consolação).

- Mas não, Pasquarella, não diga assim; é meu dever ajudar-vos. - Fazia-a sentar e às vêzes enxugava-lhe até os olhos.

Eu queria sempre acompanhá-la em suas visitas a certos tugúrios obscuros, úmidos, sujos...

- Então parecia outra: com vassora, trapos, agua, limpava e lavava aquêles ambientes, sentava-se perto do leito daqueles desafortunados e infelizes com palavras

afetuosas e santos sorrisos. E os pobrezinhos olhavam-na também sorridentes, e lhe diziam:

- Irmã Olga, quero fazer a primeira Comunhão.

- Irmã Olga, prepara-me a bem morrer! - Todos a agradeciam e a abençoavam.

Olga seguia-me sempre com solicitude maternal. Via-me séria e triste. Levava-me então à capela:

- Dize a Jesus porque não estas contente; pergunta-lhe se Êle esta contente contigo!

- E me deixava sòzinha.

Ela esperava-me à porta, e quando saía, me dizia:

Está contente agora, Ester? - Olha-me bem nos olhos!...

E então, tudo o que tinha calado, faltas, caprichos, brigas com os irmãosinhos, tudo eu lhe derramava no coração.

Ester, sê boazinha... e me traçava um programa de vida, com os perigos a evitar e as virtudes a praticar. - Nunca faltava a devoção filial a Maria.

Quando a sua Madre Superiora a chamou para o Vêneto, foi uma verdadeira correria de gente. Todos queriam dizer-lhe alguma coisa.

Irmã Olga, rezai por nós.

Irmã Olga, pedi a Jesus me faça santa.

Irmã Olga! Irmã Olga!...

E para todos Irmã Olga tinha uma palavra, um sorriso.

Quando vimos o vapor partir, eu tive vontade de atirar-me sôbre as aguas e gritar ao comandante: "Pára, não leves embora o nosso anjo".

Do pôrto todos gritavam:

- Irmã Olga, lembra-te de nós!

- Volta, Irmã Olga?

Um velhinho, mais vêzes socorrido por Olga, abriu caminho no meio da multidão e agitando um lenço, que tinha recebido de Olga, cumprimentava-a gritando em dialeto napolitano:

- Tu si stat l'angel ra nostra miséria, de te non c' scurdam mai!... (Tu fôste o anjo em nossa miséria, de ti nunca nos esqueceremos!).

Mas algo nos dizia que nunca mais a veríamos... E meses depois chegam-nos as notícias da sua doença... Muito rezamos e fizemos novenas a N. Senhora do Rosário, suplicando deixasse ainda conosco o querido anjo branco, que não podíamos esquecer.

- Como está Irmã Olga? Aquela santinha?... Todos esperavam a sua volta a Ísquia... Mas não foi esta a vontade de Deus.

Uma manhã ao sair da escola, disseram-me:

- Morreu Irmã Olga!... Fiquei muda, sem palavras; pareceu-me ter perdido uma segunda mãe.

Ester

GRAÇAS ALCANÇADAS

À Postulação da Causa de Beatificação, já foram apresentadas longas listas de graças alcançadas pela intercessão de Olga, em favor de pobres famílias, de operários sem trabalhos, de estudantes em situações difíceis, de gestantes, de pobres desviados da religião: graças de toda espécie, espirituais e temporais.

Transcrevemos aqui apenas um pequeno número para edificação dos leitores.

* * *

Havia cinco anos que eu sofria de espondilite. Os médicos aconselharam-me repouso numa Casa de Saúde, visto ser eu inábil ao trabalho e a doença incurável.

- As Irmãs deram-me uma imagenzinha de Olga da Mãe de Deus. Supliquei-a, chorando, durante três meses, para obter a graça da saúde. Uma noite tive um sonho; vi três Irmãs vestidas de branco; aquela do meio com o gesto das mãos, disse-me: "Levanta-te, anda; pois estás curada".

Acordei, e senti-me curada de fato; comovida, chorei de consolação. Com os olhos

em lágrimas fui à Missa e fiz a Santa Comunhão, agradecendo ao Senhor a graça recebida pela intercessão de Olga da Mãe de Deus.

* * *

Quero tornar pública uma graça alcançada pela intercessão de Olga da Mãe de Deus, com a intenção de contribuir também ao bom êxito da Causa da Beatificação. - Como estudante, no exame de maturidade clássica e no italiano, matéria em que brilhei, fui reprovada. Estava com muito medo de ficar derrotada nos exames da sessão de outono. - Por isto recorri à Irmã Olga.

Na véspera do exame escrito, tive uma subita e imperiosa inspiração de pedir a um companheiro de aula, um livrinho, que não se achava em nenhuma livraria, por estar esgotado. Passei toda a tarde na leitura do precioso livrinho e na manhã seguinte me apresentei calma e esperançosa. Coisa incrível!

Um dos três temas enviados pelo Ministério estava todo aí, naquelas poucas páginas: e o maravilhoso é que desenvolvi o tema palavra por palavra como estava no volumezinho. - No exame oral ouvi dizer pelo professor: "a senhora fez uma belíssima composição: dei-lhe "sete". E' o *sete* da Irmã Olga, que lavou gloriosamente o *cinco* do meu diploma de maturidade.

Estou agora inserita na Universidade; e Irmã Olga será sempre a primeira patrona de meus estudos.

* * *

Pela intercessão da Serva de Deus Olga recebi uma grande graça. Sofria de um pólipó. Tratavam de me recolher na clínica para uma difícil operação. Recorri com fervor a Olga, suplicando me intercedesse da Virgem de Pompéia e do Sagrado Coração de Jesus a graça da saúde que tanto desejava.

- Depois de dois meses de cura em casa, o especialista achou que estava perfeitamente curado; o pólipó havia desaparecido por completo.

* * *

Escreve o Sr. P. M. de Parma: "Li o livro *Olga da Mãe de Deus* e fiz a novena, por estar doente de sinusite. Nossa Senhora me concedeu a graça da saúde pela intercessão da Irmã Olga. Sarei completamente, como atesta o meu médico. Envio minha oferta de agradecimento e desejo seja publicada esta graça e assim sempre mais se difunda a devoção à Serva de Deus.

* * *

Meu primo - atesta o sr. V. F. - estava atacado de "linfocitoma" maligno, doença que não perdoa. A mãe do doente dirigiu-se à Serva de Deus, Irmã Olga e foi rezar sôbre o seu sepulcro em Mestre. O melhoramento foi imediato e o jovem pode transferir-se a P..., onde administra um distribuidor automatico de gasolina. Estamos esperando passe um dado tempo para requerer do médico um atestado de cura imediata da terrivel doença do meu primo.

Omitimos aqui muitos outros casos de graças particulares de tôda espécie, atribuidos à Serva de Deus e referidos na edição italiana.

IRMÃ OLGA
HOMENAGEADA PELAS AUTORIDADES
em 1961

A Poiana Maggiore, onde nasceu a Serva de Deus, o Conselho Comunal, o Sr. Prefeito, Prof. Aldo Guglielmo, e o Ministro da Instrução Pública decretaram que os edificios das Escolas Elementares de Poiana Maggiore venham intitutados a "SUOR OLGA GUGELMO".

* * *

ORAÇÃO
PARA PEDIR A GLORIFICAÇÃO
da Serva de Deus
OLGA DA MAE DE DEUS

O' Senhor, que vos comprazeis em glorificar os humildes, dignai-vos conceder êste favor à vossa Serva fiel, e dai-nos a graça que vos pedimos.

A. G. Card. Roncalli, Patriarca

* * *

Em 11 de abril de 1956, o Emmo. Sr. Ângelo José Roncalli, o Sumo Pontífice João XXIII, então Patriarca de Veneza, abriu o processo

informativo sôbre a fama de santidade de Olga, Processo que foi encerrado quatro anos depois, no dia aniversario da morte de Serva de Deus.

Em 20 de maio de 1960, a Sagrada Congregação dos Ritos publicou o Decreto de reabertura do Processo informativo em Roma.

Roga-se quem recebesse alguma graça particular pela intercessão de Serva de Deus, queira comunica-lo a Postulação da Causa.

Viale Vaticano, 62 – 00165 ROMA.

IRMÃS FILHAS DA IGREJA
Rua Carneiro Ribeiro 31-E
SALVADOR - BA. – BRASIL

NIHIL OBSTAT

Nicolaus Ferraro S.R.C. Adessor
Fidei Sub-Promotor Generalis
Romae, 3 Aprilis 1963

ÍNDICE

As três mães	7
A Filha	15
A "Filha da Igreja"	23
O "Puro Amor"	29
Primeiras libertações	39
Chamazinha acesa	49
Últimas libertações	63
Chamazinha ardente	75
Libertações Divinas	87
Chamazinha viva	99
A "Pura Dor"	113
"Mater Admirabilis"	135
<i>Atestados religiosos</i>	151
<i>Graças alcançadas</i>	160
<i>Homenagem das Autoridades</i>	164
<i>Oração para a Beatificação</i>	164

